



ENTREVISTA

Reforma sindical deve dar maior agilidade ao sistema, defende Robson Andrade (Fiemg)

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das
Indústrias do Estado de Goiás

O AVANÇO DA INDÚSTRIA GOIANA

PARTICIPAÇÃO DO SETOR NO VALOR DA
PRODUÇÃO INDUSTRIAL DO PAÍS PRATICAMENTE
TRIPlicOU NO CURTO INTERVALO
DE UMA DÉCADA E MEIA





PRÊMIO SESI QUALIDADE NO TRABALHO

Construindo uma indústria socialmente responsável

O Prêmio SESI Qualidade no Trabalho reconhece as empresas que se destacam na responsabilidade social. É um incentivo para que empresários e funcionários construam, juntos, uma indústria saudável, onde o fundamental para o sucesso é o trabalho em equipe.

CATEGORIAS: GRANDES EMPRESAS
MÉDIAS EMPRESAS
PEQUENAS EMPRESAS
MICROEMPRESAS



Inscrições: www.sesi.org.br/psqt

Informações no Sesi Goiás: (62) 3219-1391

Realização:

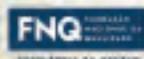


CNI SESI



FIEG SESI

Apoio:



BOVESPA
São Paulo Stock Exchange

Ministério do
Trabalho e Emprego





“Ninguém duvida que essa evolução extraordinária aconteceu em cima de dois pilares chamados Fomentar e Produzir”

Paulo Afonso Ferreira
pauloafonso@sistemafieg.org.br

Para Goiás continuar crescendo

Repórteres e analistas da **GOIÁS Industrial** prepararam para esta edição um retrato sem retoque da evolução da indústria goiana, a partir da Pesquisa Industrial Anual (PIA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativa a um período relativamente curto e recente. Nele, o segmento conseguiu quase triplicar sua participação no bolo nacional, alçada ao 9º lugar no ranking das maiores economias estaduais do País.

Números do IBGE revelam: o parque industrial goiano cresceu mais de dez vezes, de 1994 para 2005, saltando de 450 para 4.513 unidades, com a contratação de mais 107,2 mil trabalhadores. Ao mesmo tempo, reafirmou-se a vocação do Estado para uma indústria baseada em seus próprios recursos naturais. Já o valor da transformação industrial elevou-se de R\$ 743,79 milhões para R\$ 8,502 bilhões, ou 11,4 vezes mais.

Em termos de receita líquida de vendas, o crescimento foi de R\$ 4,337 bilhões para R\$ 25,108 bilhões, correspondente a uma variação acumulada de quase 479%, quando as vendas da indústria no País ampliaram-se apenas 246%. Mas chegaram outras grandes empresas, como a Hyundai/Caoa, Siderúrgica Planalto e Anglo American, enquanto outras se expandem, a exemplo da

Perdigão, Copebrás e Votorantim Metais.

Some-se a esses valores números das exportações goianas, segundo a Secretaria de Estado de Comércio Exterior. Se em 1999 Goiás vendia seus produtos a 69 países, em 2007 já o fazia a 140 nações, com o número de produtos exportados quase triplicando, de 275 para 796.

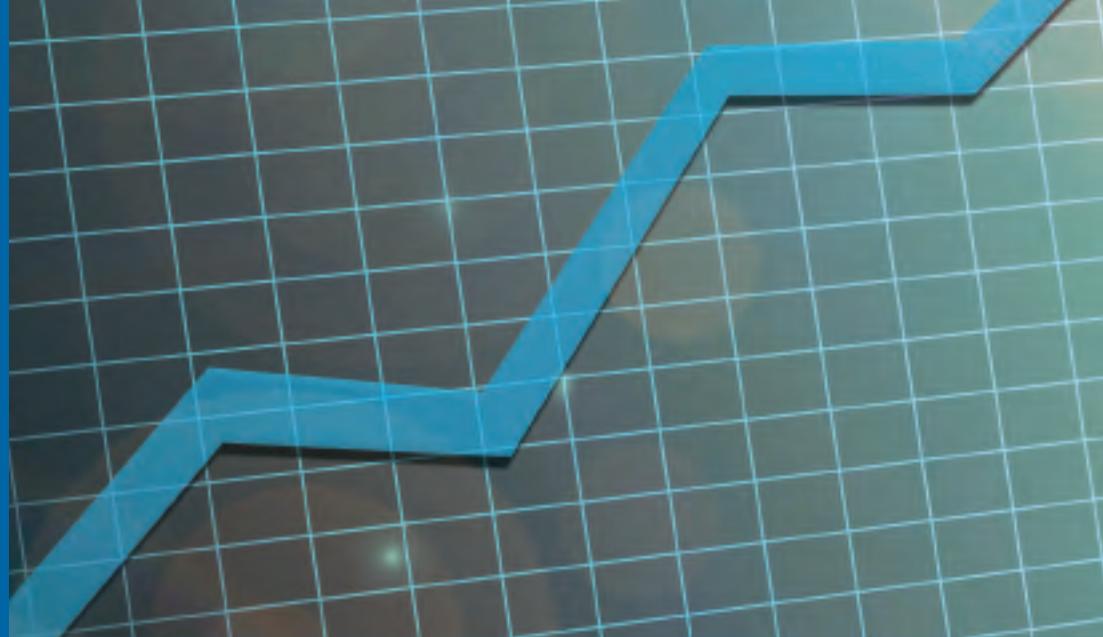
Vale, ainda, contabilizar a diversificação e a desconcentração espacial do nosso processo de industrialização, estrategicamente para todas as regiões do Estado, aliviando pressões sobre outras

cidades maiores. Agregam-se ao nosso complexo industrial setores não tradicionais, como o fármaco e o automobilístico. Isso tudo criou um desafio para o Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás. Uma de suas instituições, o Senai, por exemplo, além das unidades fixas – Minaçu e Niquelândia na Região Norte, Itumbiara no Sul, Catalão no Sudeste, Rio Verde no Sudoeste, Goiânia, Anápolis e Aparecida de Goiânia, no Centro Goiano –, para atender às necessidades das fábricas que chegam ou que se ampliam, recorre freqüentemente a unidades e ações móveis que atuam dentro da própria empresa.

Ninguém duvida que essa evolução extraordinária aconteceu em cima de dois pilares chamados Fomentar (1983) e Produzir (2000), programas de incentivo fiscal, concebidos e executados graças à sintonia entre governo estadual e lideranças empresariais. Nos registros da Secretaria de Estado da Indústria e Comércio, os programas aprovaram a implantação ou expansão de cerca de 1.200 indústrias. Obviamente, para Goiás continuar crescendo assim, essa harmonia poder público/iniciativa privada não pode se interromper. É necessário que a reforma tributária que se esboça na área federal garanta mecanismos de incentivos igualmente eficientes.

Por sua vez, é fundamental a união de todas as forças legítimas, para exigir que a infra-estrutura imprescindível ao nosso desenvolvimento – aí se incluindo rodovias, ferrovias, portos e aeroportos – seja providenciada, com determinação, o quanto antes. ■





INDÚSTRIA A PLENO VAPOR

12 A fatia goiana na produção nacional saltou de 0,6% em 1990 para 1,66% em 2005, enquanto a participação de Goiás no total de empregos industriais avançou de 0,8% para 2,23%

CRESCIMENTO NA MINERAÇÃO

22 O avanço vigoroso dos investimentos na indústria de mineração altera a fisionomia econômica das cidades do Norte goiano, exigindo esforço adicional para a formação e capacitação de recursos humanos



índice



ESCOLA DE CIDADANIA

25 Em parceria, Sesi e Sama investem na modernização de escola em Minaçu e desenvolvem um trabalho de formação de cidadãos

ARRANJO PRODUTIVO

30 Programa capacita mais 235 profissionais para a área de confecções nos municípios de Planaltina e Santo Antônio do Descoberto, na região do Entorno do Distrito Federal



ENTREVISTA

8 Independente do figurino a ser aplicado à futura reforma sindical, a CNI tem trabalhado para que os sindicatos possam operar com autonomia no futuro, afirma o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Robson Braga de Andrade



ESPECIALIZAÇÃO E DIVERSIFICAÇÃO

28 Apoio do Centro Internacional de Negócios da Fieg a empresas exportadoras contribui para formação de cultura exportadora em Goiás, com maior especialização das indústrias e diversificação na pauta de exportações

CAPACITAÇÃO

32 Programa de Capacitação Profissional (PCP), idealizado pela Secretaria do Trabalho e Renda de Catalão em parceria com o Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) e o Senai, prevê o treinamento de cerca de 3 mil pessoas



MODA

34 Costumes e símbolos da cultura goiana inspiraram calçados e bolsas desenvolvidos pela equipe do Senai Goiás

GOIASINDUSTRIAL



Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Joelma Pinheiro

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem

Andelaide Pereira, Célia Oliveira,
Geraldo Neto, Débora Maria
Orsida, Divina Rosa,
Jávier Godinho

Colaboração

Wellington da Silva Vieira

Fotografia:

Silvio Simões

Projeto gráfico

Wesley Cesar

Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing
Rua S-6 nº 129, Sala 01,
Setor Bela Vista
(62) 3242-9095
(62) 3624-0201
contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade

ND Editora e Publicidade Ltda.
Rua 1034, nº 49, Setor Pedro
Ludovico, 74823-190 -
Goiânia-GO
(62) 3255-6262
nd@ndeditora.com.br

Fotolito

Oficina de Arte

Impressão

Gráfica Kelps (Asa Editora)

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente

Paulo Afonso Ferreira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300
Fax (62) 3229-2975

Home page:

www.sistemafieg.org.br

E-mail

fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente: Waldyr O'Dwyer

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768/3311-5565

E-mail:

nureaps@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional:

Paulo Afonso Ferreira

Superintendente:

Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor Regional:

Daniel Viana

Superintendente:

Paulo Galeno Paranhos

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional:

Paulo Vargas

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretor Regional:

Daniel Viana

Superintendente:

Paulo Galeno Paranhos

Diretoria da FIEG

Presidente

Paulo Afonso Ferreira

1º vice-presidente

Pedro Alves de Oliveira

2º vice-presidente

Wilson de Oliveira

3º vice-presidente

Ivan da Glória Teixeira

1º secretário

Hélio Naves

2º secretário

Luiz Gonzaga de Almeida

1º tesoureiro

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

2º tesoureiro

Antônio de Sousa Almeida

Diretores

César Helou
Segundo Braoios Martinez Ubiratan da Silva Lopes
Marley Antônio da Rocha
Joviano Teixeira Jardim
Frederico Martins Evangelista
Jorge Luiz Biasuz Meister
Alúcio Quintanilha de Barros
João Essado
Flávio Paiva Ferrari
Eduardo Cunha Zuppani
Laerte Simão
Luiz Antônio Vessani
José Vieira Gomide Júnior
Carlos Alberto Vieira Soares
Fábio Rassi
Sávio Cruvinel Câmara
Elton Teles de Campos
José Luiz Martin Abuli
Eurípedes Felizardo Nunes
Aldrovando D. de Castro Júnior
José Magno Pato
Domingos Vilefort Orzil
Roberto Guimarães Mendes
Raimundo Viana Dutra
Carlos Alberto Diniz
Humberto Rodrigues de oliveira
Mário Renato G. de Azeredo

Conselho Fiscal

Daniel Viana
Heno Jácomo Perillo
Waldyr O'Dwyer

Conselho de representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro Mabel

Conselho de representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Álvaro Otávio Dantas Maia
Anísio Queiroz de Carvalho Jr.
Antônio Clóvis Carneiro
Carlos Alberto Diniz
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos José de Moura Júnior
Carlos Queiroz de Paula e Silva
Carlos Roberto de Araújo
Carlos Roberto Viana
César Helou
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Domingos Vilefort Orzil
Eduardo Cunha Zuppani
Eduardo Gonçalves
Elton de Teles Campos
Emílio Carlos Bittar
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Francisco Gonzaga Pontes
Francisco de Paula e Silva
Frederico Martins Evangelista
Henrique Wilhem Morg de Andrade
Hélio Naves
Heno Jácomo Perillo
Jaime Canedo
Jair Rizzi
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
Jorcelino José Nunes Neto
Jorge Luiz Biasuz Meister
José Antônio Vitti
José Divino Arruda
José Francisco de Souza
José Luiz Martin Abuli
José Magno Pato
José Romoaldo Maranhão Neto
José Vieira Gomide Júnior
Laerte Simão
Leonardo Jayme de Arimatéia
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Antônio Vessani
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Rézio
Manoel Paulino Barbosa
Mário Drummond Diniz
Marley Antônio Rocha
Mário Renato Guimarães Azeredo
Nelson Pereira dos Reis
Onofre Andrade Pereira
Orizomar Araújo de Siqueira
Paulo Afonso Ferreira
Pedro Alves de Oliveira
Pedro de Souza Cunha Júnior
Roberto Elias de Lima Fernandes
Rubens Luiz Bernardes
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Sebastião Elias Barbosa
Segundo Braoios Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdêncio Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Carrijo
Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente

Ivan da Glória Teixeira

Vice-Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente

Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Conselho Temático de Infra-Estrutura

Presidente

José Rodrigues Peixoto Neto

Vice-Presidente

Roberto Elias de Lima Fernandes

Conselho Temático de Política Econômica

Presidente

Beyle de Abreu Freitas

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente

Hélio Naves

Vice-Presidente

Orizomar Araújo de Siqueira

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente

Humberto Rodrigues de Oliveira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente

Antônio de Souza Almeida

Vice-Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Agronegócio

Presidente

Rodrigo Penna de Siqueira

Vice-Presidente

Segundo Braoios Martinez

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente

Ronaldo Jair Sales

Vice-Presidente

Alberto Borges

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente

Alexandre Costa

Vice-Presidente

Marduk Duarte

Rede Metrologia Goiás

Presidente

Heribaldo Egídio

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás - FIEG

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAGG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone (62) 3224-4253 / Fax 3224-9226 - siaegg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: Nelson Pereira dos Reis
Fone (62) 3212-6092/Fax 3212-6092
sieegg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515/Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Carlos Queiroz de Paula Silva
Fone/Fax (62) 3223-6667

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Sávio Cruvinel Câmara
Fone (62) 3212-7473/Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDAGO

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Carlos Alberto Diniz
Fone/Fax (62) 3223-6667

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Fábio Rassi
Fone/Fax (62) 3223-6667
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Flávio Ferrari
Fone (62) 3225-6412/Fax 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicame@sistemafieg.org.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Alcool no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045 - sifaegg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Wellington Soares Carrijo
Rua Costa Gomes, nº 143 - Jardim Marconal - CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3613-4810

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Mário Drummond Diniz
Fone (62) 3229-2427/Fax 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTIME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone (62) 3213-4900/Fax 3212-3970
sindicurti@uol.com.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone (62) 3225-7888
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: César Helou
Fone (62) 3212-1135/Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Frederico Martins Evangelista
Rua I.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3092-4477
agicon@agicon.com.br

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Roberto Elias de Lima Fernandes
Rua João de Abreu, nº 427 - Setor Oeste - CEP 74120-110 - Goiânia-GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177
contato@sinduscongoias.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Telefax (62) 3225-1016
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: José Francisco de Souza
Fone (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Manoel Paulino Barbosa
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703
sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIM

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Marley Antônio da Rocha
Fone (62) 3224-0456/Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA

Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Cunha Zuppari
Fone (62) 3212-3794/Fax 3225-0074
sinquifar@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Alves de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno - CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

SIFAÇÚCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
sind.industria@terra.com.br

SIAA

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Ubiratan da Silva Lopes

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Gonçalves

SIMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Elton de Teles Campos

SINDICER

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Laerte Simão

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: José Vieira Gomide Júnior

Com um pé no futuro

■ Lauro Veiga Filho

A reforma sindical, se e quando vier a ser proposta, não deve engessar o sistema, mas pode e deve reforçar a atuação dos sindicatos. Independente do que virá pela frente, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) está preocupada em preparar as entidades para o futuro, fortalecendo a autonomia sindical. Apenas o fato de o governo apresentar seu projeto de reforma tributária, numa tentativa de introduzir maior racionalidade na cobrança de impostos, não deixou de ser um avanço – ainda que a proposta deixe a desejar. Esses e outros pontos são discutidos, na entrevista a seguir, pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Robson Braga de Andrade.

Goiás Industrial - Como está sendo executado e qual o estágio do programa de fortalecimento e modernização dos sindicatos que representam o setor industrial?

Robson Braga de Andrade – O objetivo da CNI (Confederação Nacional da Indústria) de fortalecer os sindicatos diz respeito ao próprio fortalecimento do sistema em todo o País. Isso vai representar, com certeza, melhoria na prestação de serviços dos sindicatos para as indústrias associadas e vai significar também melhor representatividade do sindicato na defesa dos interesses da indústria. Na realidade, empresas, sindicatos, federações e CNI formamos uma corrente que tem força enorme no País, empregamos uma grande massa salarial, desenvolvemos tecnologia, pagamos impostos, temos importância do ponto de vista da distribuição de renda e participação muito grande no PIB (Produto Interno Bruto). Isso tudo somado, temos ali a importância da CNI na

"Com certeza, o País precisa de uma reforma sindical que crie avanços, mas é importante que os atores envolvidos sejam ouvidos, participem, dêem sua opinião"

defesa dos interesses desse setor e dos segmentos que ele representa.

Na visão do setor, haveria hoje um problema de representação nos sindicatos? Qual foi exatamente o diagnóstico que se fez para se chegar à conclusão de que seria preciso fortalecer os sindicatos?

Andrade – Acho que não existe um problema de representação nos sindicatos. O que acho é que a CNI tem trabalhado com muita determinação para que haja uma harmonização dos projetos, dos programas, para que os sindicatos saibam perfeitamente o trabalho que a confederação realiza e de que forma a instituição tem contribuído para a defesa dos interesses das indústrias, de que forma ela se articula com o governo federal, com os órgãos do Executivo para que possa criar o melhor ambiente para o crescimento e desenvolvimento da indústria no País. É importante que o sindic-



to conheça e entenda esse trabalho para que possa colaborar com esse trabalho.

Que avaliação que o senhor faz a respeito das propostas de reforma sindical que estão no Congresso? De que forma uma reforma poderá afetar a estrutura e o trabalho da CNI?

Andrade – Uma reforma sindical pode afetar a estrutura de todas as confederações, em todos os setores, incluindo as confederações de trabalhadores. O que existe é um grupo, um fórum, onde todos os atores e todos os segmentos estão ali representados para discutir a melhor proposta de reforma sindical. Com certeza, o País precisa de uma reforma sindical que crie avanços, mas é importante que os atores envolvidos sejam ouvidos, participem, dêem sua opinião, mostrem as vantagens ou desvantagens de cada sistema. O objetivo é criar condições para que o sistema sindical possa avançar. Não queremos, de maneira alguma, pelo menos na minha visão, e falo como presidente da Fiemg, estabelecer condições para que o sistema fique mais amarrado ainda, mais engessado e possa enfrentar dificuldades na prestação de serviços tanto para as empresas como para a sociedade como um todo.

Na visão da Fiemg, quais seriam os instrumentos mais adequados para que os sindicatos possam desempenhar esse papel?

Andrade – Há uma série de temas que precisariam ser discutidos. A questão é que a reforma sindical não está na pauta do governo e nem do Congresso para agora.

Esse assunto continua sendo discutido. Neste momento, ao contrário do que já tem no caso da reforma tributária, com proposta concreta, com pontos a serem debatidos, na reforma sindical ainda não se chegou a acordo nenhum. Discutiuse a formação e representatividade dos sindicatos e federações, evoluiu-se em alguns pontos e acho que retrocedeu em outros, e acabou não se chegando a acordo algum.

A questão da contribuição sindical é vista de que forma pela Fiemg?

Andrade – A contribuição é importante para os sindicatos. É a forma que o sindicato tem hoje de ter os recursos necessários para desenvolver o trabalho de prestação de serviços para seus associados. Agora, há diversas formas de o sindicato prestar esse serviço. Acho que o que a CNI tem feito é preparar os sindicatos para o futuro. Esse é o ponto importante. Se deixarmos de lado o que vai acontecer com a reforma e com a contribuição sindical, a CNI quer preparar os sindicatos, desde já, para que no futuro, independente do que venha nessa reforma, eles estejam fortalecidos para uma prestação de serviços para as empresas que seja considerada importante por elas. O sindicato tem de ser visto por seus representantes e pela sociedade como um organismo importante na representatividade daquele setor. A empresa tem de participar do sindicato porque acredita que ele presta um serviço importante.

Por falar em reforma tributária, qual a avaliação da Fiemg a respeito da proposta do governo



que está no Congresso e o que sua aprovação poderá mudar para a indústria, em termos de perspectiva para o futuro?

Andrade – No nosso caso, entendemos que é um avanço muito importante. Primeiro porque recoloca na pauta do País um projeto que estava abandonado. Todos, trabalhadores, consumidores, parlamentares, empregadores, falavam de uma reforma, mas não tinham um projeto ainda. Houve o mérito do governo de colocar a reforma tributária na pauta do Congresso. Por outro lado, há uma grande vantagem, já que você começa a mudar o foco de uma tributação na produção para o consumo, como funciona no mundo inteiro. Os países evoluídos e os países da América Latina e da América do Sul há muito tempo já fazem isso. O imposto incide sobre o consumo e não sobre a produção. O projeto em si traz alguns avanços. Ele cria um imposto sobre o valor agregado, que simplifica um pouco a tributação federal, já que engloba PIS/Cofins, salário educação; cria um imposto estadual sobre valor agregado; num prazo mais longo, tende a acabar com a guerra fiscal entre os Estados, a melhorar o sistema de compensações dos créditos tributários relativos às exportações. Um ponto também muito importante é que o projeto, no médio prazo, acaba com a tributação sobre os investimentos. Essas são propostas importantíssimas. A nosso ver, o projeto deixa a desejar porque nós, como empresários de um setor importante da produção nacional, queríamos que o avanço fosse mais rápido e mais denso. Quando se fala em oito anos para acabar com a guerra fiscal e no mesmo prazo para recuperar todos os créditos relativos a investimentos, é um prazo muito longo.

Mas a eventual redução nesses prazos não poderia esbarrar na resistência dos governadores, por exemplo?

Andrade – Com certeza. Acho que esbarra em dois pontos. Primeiro, na resistência dos governadores e outro na falta de conhecimento que o País tem hoje sobre quanto cada Estado produz e consome. Você não tem informação concreta, por exemplo, daquilo que é produzido em Goiás e que vai para o Ceará, daquilo que é produzido em Minas e é comprado por Goiás, daquilo que a economia goiana produz e envia para São Paulo. Esses dados ainda não são concretos. Por isso é que, a partir da implementação da nota fiscal eletrônica, o País vai ter todos esses dados. Mas a nota eletrônica já é uma realidade. Já estão sendo feitas experiências. A partir de 2009 ela já começa a ser implantada de maneira muito rápida e a recuperação dos créditos relativos a inves-

"INDEPENDENTE DO QUE VÁ ACONTECER COM A REFORMA E COM A CONTRIBUIÇÃO SINDICAL, A CNI QUER PREPARAR OS SINDICATOS, DESDE JÁ, PARA QUE NO FUTURO, ELES ESTEJAM FORTALECIDOS"

timentos e exportações poderia ser feita na mesma velocidade de implantação da nota fiscal eletrônica.

A questão da fiscalização pode ser um empecilho?

Andrade – O sistema passa a contemplar a tributação no destino e não na origem. Mesmo que o imposto seja cobrado na origem por causa de substituição tributária, ele vai pertencer ao Estado onde ocorre o consumo. O que se imaginou nessa reforma tributária é que se você tem um produto que é produzido em Goiás e que é consumido em Minas Gerais, o primeiro Estado enviaria o produto sem imposto nenhum e Minas ficaria com o imposto. Acho que esse é um sistema que resgata uma dívida que o



País tem com os Estados que são menos produtores e mais consumidores, que na realidade acabam ficando prejudicados (no sistema atual) porque eles têm consumo, mas não geram produto e não têm imposto. Esse também é um fator importante na guerra fiscal. Mas para que isso pudesse funcionar bem, o projeto de reforma tributária imaginou deixar 2% no Estado que produz para que esse percentual servisse como pagamento da máquina fiscalizadora do Estado, para que pudesse haver uma fiscalização. A discussão é se isso poderia subir para 4%. As alíquotas do imposto sobre valor agregado passariam a ser propostas pelo Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária) e aprovadas pelo Senado.

O senhor citou a questão da desoneração dos investimentos mais no longo prazo. Isso deverá ocorrer na medida que a Fiemg considera necessária ou ela ficará a quem do que se poderia fazer?

Andrade – A desoneração está prevista na reforma, mas, como disse, num prazo muito longo, de praticamente oito anos. O que acontece é que hoje qualquer empreendedor que vá fazer um novo investimento, uma nova expansão, ele paga antecipadamente, antes de iniciar a produção, em torno de 33% a 35% sob a forma de impostos. Isso não existe em lugar algum do mundo, porque o imposto incide sobre a produção ou sobre o consumo. No caso brasileiro, você ainda está investindo e já está pagando imposto

antes. O que o governo está propondo é que haveria a recuperação imediata dos créditos tributários, o que acho um sistema mais adequado. No Brasil, todo o imposto deveria ser sobre valor agregado. Não podemos manter impostos que se acumulam em cascata sobre a produção. Isso acaba prejudicando o consumidor, aumentando os custos dos produtos. O País cresce menos. Nos últimos dois anos, temos visto que todas as vezes em que se reduziu impostos, a receita tributária cresceu, porque houve aumento da produção, do consumo, dos investimentos.

Quais as principais medidas que deveriam ser adotadas para o setor exportador?

Andrade – Uma das medidas que o governo tomou vai nesse caminho de tentar melhorar a taxa cambial, por meio da isenção do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras). Há a questão da isenção do Imposto de Renda para investidores estrangeiros que compram títulos do governo federal no País, que funciona para atrair dólares e pode ser solucionada. Mas acho que o País tem de estudar outras propostas. Por exemplo, a média empresa de produtos manufaturados, com valor agregado e tecnologia, tem custos elevados e muitas vezes enfrenta custos elevados para participar de feiras no exterior, para fazer prospecção de mercado, para fazer uma pesquisa para saber o gosto do consumidor e preços lá fora. Esses são financiamentos que o governo federal, por meio do BNDES, da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil, pode fazer com um custo muito baixo para que o produtor brasileiro possa ter uma compensação nessa busca de mercados lá fora. Há os custos de infra-estrutura e logística que se forem melhorados, mesmo com uma taxa cambial desfavorável, poderiam permitir a continuidade das exportações. ■





NA ONDA DA INDÚSTRIA

■ *Lauro Veiga Filho*

Setor consegue triplicar sua participação no valor total da produção brasileira, puxada por novos setores e pela expansão de fábricas já instaladas aqui.



FIEG



Arquivo / Data



Distrito Agroindustrial de Anápolis: concentração de laboratórios farmacêuticos e pólo logístico do Estado

No espaço relativamente curto de uma década e meia, a indústria goiana conseguiu multiplicar em quase três vezes sua participação no bolo nacional, o que contribuiu decisivamente para que a economia estadual fosse lançada à posição de 9ª maior no País. Os números da Pesquisa Industrial Anual (PIA), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ajudam a contar a história do setor industrial goiano, mostrando trajetória ascendente a partir da segunda metade dos anos 90.

Até 1990, quando aquele levantamento apontava apenas 466 estabelecimentos industriais em Goiás, responsáveis por 34,5 mil empregos, o valor da transformação industrial (VTI) realizada no Estado representava somente 0,6% de toda a produção brasileira. Da mesma forma, apenas 0,8% dos empregos industriais estavam em Goiás até aquele ano. Em 2005, ano do mais recente dado divulgado pelo instituto, a participação da indústria goiana no valor da transformação em todo o País saltou para 1,66%, enquanto a fatia do Estado no emprego gerado pela indústria brasileira chegou a 2,23%.

Encurtando o período de análise, os resultados continuam surpreendentes, confirmando ritmo de crescimento mais acelerado do que a média nacional, num comportamento próprio de economias emergentes. Na comparação entre 1994 e 2005, o total de unidades industriais instaladas em Goiás, na versão do IBGE, cresceu mais de dez vezes, pulando de 450 para 4.513. Esse movimento veio acompanhado de avanço do emprego no setor, embora em ritmo suavemente mais modesto. A abertura de novas fábricas e a expansão daquelas já implantadas significaram a contratação de mais 107,2 mil trabalhadores, refletindo aumento de 307% para a força de trabalho

industrial em igual intervalo, para um total de 142 mil empregados.

O desempenho mais impressionante, no entanto, ficou por conta da produção em si, com a consolidação do parque industrial reafirmando a vocação do Estado para uma indústria com base em recursos naturais. O valor da transformação industrial pulou de R\$ 743,79 milhões para R\$ 8,502 bilhões, ou seja, um avanço ligeiramente superior a 11,4 vezes.

NEM SÓ GRÃOS E MINÉRIOS

A trajetória da indústria em Goiás guarda estreita relação com a capacidade de reação de empresas locais, como a Halex Istar, pioneira no setor farmacêutico e hospitalar, e com decisões de grandes empresas associadas à extração e produção de minérios, grãos e carnes, atraídas principalmente pela política de incentivos fiscais adotada a partir do início dos anos 80 e reformulada na década seguinte.

Tradicional no setor de soluções parenterais de grande volume e líder no segmento, a Halex Istar começou a surgir ainda em 1959, com a criação da Indústria Química Istar Ltda, que mais tarde, já em 1970, decidiria se unir ao Laboratório Halex Ltda, fundado em 1967. A fusão lançou as bases para a expansão acelerada da empresa nos anos seguintes, agora sob a denominação de Laboratório Halex Istar Ltda.

Atualmente com mais de 900 trabalhadores, ocupando área de 50 mil m² e filiais em São Paulo, no Rio de Janeiro e Recife, a Halex Istar mantém programa permanente de investimentos em tecnologia e em modernização de suas linhas, ganhando destaque como uma das primeiras indústrias do setor no País a produzir soluções parenterais de grande volume em sistema fechado.



Avicultura: Perdigão anuncia novo pacote de investimentos de R\$ 1,1 bilhão em três anos

PERDIGÃO

Num setor mais convencional, em meados da década de 1990, cumprindo planejamento estratégico cautelosamente desenhado por sua direção, a Perdigão decidiu descentralizar seu parque de abates e de industrialização de carnes de aves e suínos, diante do esgotamento da fronteira agrícola no Sul do País e acirramento da competição por milho e soja.

O grupo vinha abastecendo suas unidades no Sul com grãos adquiridos em Goiás, Mato Grosso e mesmo no Tocantins. Nos cálculos da empresa, divulgados à época, para transportar uma tonelada de milho, gastava-se duas vezes mais do que o custo do frete de uma tonelada de frango desossado e 20% a mais do que o transporte de uma tonelada de carne de porco sem osso.

A Perdigão escolheu Rio Verde para instalar o que chegou a ser denominado como o maior complexo de produção de carnes da América Latina. O empreendimento recebeu investimentos iniciais de R\$ 517 milhões a partir de 1997, incluindo dinheiro da Perdigão, de seus integrados e de empresas transportadoras. Outros R\$ 500 milhões entraram nos anos seguintes para a expansão do complexo, elevando sua capacidade de abate para 2,1 milhões de aves e 21 mil suínos por semana, num total de 298 mil toneladas de carnes por ano.

Em março de 2007, a empresa inaugurou o segundo complexo em território goiano, num investimento total de R\$ 510 milhões. Instalada em Mineiros, a unidade tem capacidade para abater 24 mil perus e 140 mil frangos (ou chester) por dia, produzindo 81 mil toneladas de carnes por ano. Praticamente 80% da produção será destinada ao mercado externo. A planta de Jataí, adquirida em agosto do ano passado, receberá, neste ano, investimentos de R\$ 165 milhões, dobrando sua



Fatia mais gorda

Indústria goiana amplia sua participação no bolo nacional entre 1996 e 2005

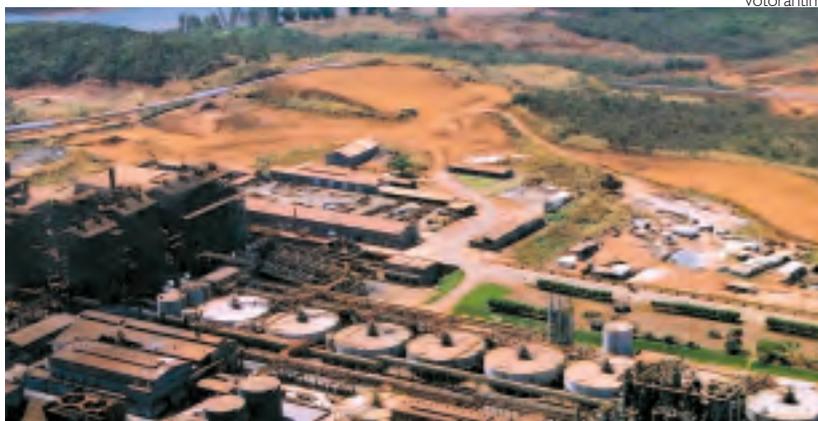
	1994	1996	1999	2002	2004	2005
Número de unidades locais	450	2.621	3.306	4.167	4.681	4.513
Participação no País (total)	1,83%	2,12%	2,50%	2,78%	2,91%	2,74%
Pessoal ocupado	34.860	79.630	90.411	119.929	137.509	142.035
Participação no País (total)	0,98%	1,57%	1,84%	2,19%	2,18%	2,23%
Receitas líquidas de vendas (R\$ bilhões)	-	4,337	6,835	13,643	22,122	25,108
Participação no País (total)	-	1,23%	1,72%	1,77%	1,93%	2,05%
Valor da transformação industrial (R\$ bilhões)	0,744	1,799	2,590	5,078	7,476	8,502
Participação no País (total)	0,72%	1,12%	1,23%	1,52%	1,56%	1,66%

capacidade de abate para 140 mil aves por dia.

Até o início de 2008, segundo a empresa, os projetos desenvolvidos em Goiás consumiram R\$ 1,65 bilhão, dos quais, R\$ 606 milhões foram aplicados pelos criadores integrados. A Perdigão gera 9,2 mil empregos diretos e, estima-se, outros 27,9 mil de forma indireta, apenas no Estado. O grupo anunciou sua decisão de investir mais R\$ 1,1 bilhão em Goiás nos próximos três anos, reforçando os complexos de Mineiros, que passará a abater 280 mil aves por dia, e de Rio Verde. Os sistemas de integração em Mineiros, Jataí e Rio Verde deverão receber injeção de R\$ 700 milhões, com recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO).

Perto de R\$ 62 milhões foram reservados para a expansão do centro de distribuição em Rio Verde, transformando-o em um dos maiores do grupo no País. Com previsão para operar a plena carga a partir de outubro próximo, o CD vai abrigar 16 mil posições de armazenagem, consolidando a movimentação de cargas entre as regiões Centro-Oeste, Norte, Nordeste e parte do Sudeste. A diversificação dos negócios da empresa, com a compra da Eleva Alimentos, levou a Perdigão a incorporar a unidade de leite longa-vida da marca Elegê em Itumbiara.





Indústria extrativa: participação do setor encolheu nos últimos anos, antes do recente boom de investimentos



Milho e soja: avanço da produção no Cerrado atraiu as atenções de grandes agroindústrias para o Estado



Mitsubishi: compra de nova área sinaliza planos para futuras expansões em Catalão



Caoa/Hyundai: projeto contrata créditos do ICMS no valor de R\$ 4,46 bilhões

SAMA

Instalada em Minaçu, no Norte goiano, desde 1967, quando veio transferida da Bahia para explorar a mina de amianto crisotila descoberta cinco anos antes, a Sama Minerações Associadas tornou-se a terceira maior produtora do minério no mundo, com capacidade instalada para 270 mil toneladas por ano. A empresa responde, atualmente, por quase 12% da produção mundial e destina 40% de sua produção para a exportação. A fibra está presente em mais de 20 países da Ásia, América Latina, África e do Oriente Médio, com destaque para Índia, Tailândia, Indonésia, Japão, México, Colômbia, Nigéria, Emirados Árabes Unidos e Irã, de acordo com a empresa.

Entre 2003 e 2007, a mineradora investiu R\$ 51,0 milhões na mina e na planta industrial, envolvendo melhorias no processo, em novas tecnologias e projetos socioambientais. A produção no mesmo período aumentou de 231,115 mil para 254,204 mil toneladas, num avanço de 10%. As vendas saltaram quase 27%, passando de 217,139 mil para 275,052 mil toneladas.

MITSUBISHI

A Mitsubishi Motors do Brasil inaugurou em setembro de 1988 sua planta em Catalão, numa área total de 630 mil m², já de olho em futuras expansões. A etapa inicial, com 14 mil m² de área construída, tinha capacidade para 10 mil unidades por ano, iniciando a produção com a linha L200, de cabine dupla. Numa fase seguinte, em agosto de 2002, a empresa passou a montar a Pajero TR4, incrementando as vendas e preparando terreno para a terceira e última etapa do Projeto Anhanguera, inaugurado em agosto de 2003, ampliando a capacidade para 30 mil unidades por ano.

De acordo com a empresa, a fábrica de Catalão, com 57 mil m² de área construída, produz em média 90 a 100 veículos por dia, incluindo os modelos L200 Triton, L200 Outdoor, Pajero TR4 Flex e Pajero Sport, além dos veículos da linha Competition. Planos de expansão não foram congelados pela montadora, que adquiriu terreno de 108 mil m² em frente a suas instalações atuais para abrigar novas linhas no futuro.

O VALOR BRUTO DA
PRODUÇÃO CRESCER AINDA
MAIS ACELERADAMENTE, AO
SAIR DE **R\$ 1,734 BILHÃO**
EM 1994 PARA
R\$ 23,432 BILHÕES EM 2005

Avanços e retrocessos

O valor bruto da produção – que considera as vendas totais de produtos e serviços, a variação de estoques acabados ou em elaboração, incluindo insumos importados – cresceu ainda mais aceleradamente, ao sair de R\$ 1,734 bilhão em 1994 para R\$ 23,432 bilhões em 2005 (13,5 vezes mais). A variação embute um dado não tanto positivo quanto aparenta. Isso significa que a indústria goiana como um todo passou a recorrer em escala crescente à atividade de montagem de bens finais, a partir de peças, acessórios e partes trazidas de outras regiões ou importadas de outros países, com aparente redução do uso de insumos locais, num sintoma de desindustrialização, na visão do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

A tendência pode ser avaliada com maior nitidez quando se acompanha o comportamento da relação entre valor da transformação industrial e o valor bruto da produção ao longo dos anos. Em 1982, quando o Estado iniciou, de forma mais agressiva, o uso de instrumentos de política industrial, com incentivos baseados no Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), o valor da transformação representava 42,29% do valor bruto produzido pela indústria goiana.

Esse percentual elevou-se para 45,02% em 1990, ponto máximo até agora alcançado. Quatro anos depois, o indicador já havia recuado para 42,89%, bastante próximo dos níveis observados em 1982. Na metade final dos anos 1990, a queda aprofundou-se, com o índice recuando para 38,04% em 1996, depois para 37,14% em 1999, quando grandes projetos nos setores de carnes e grãos já haviam começado a se instalar em Goiás, até desabar para 33,70% em 2000.

Houve alguma recuperação num período mais recente, provavelmente já refletindo o processo de maturação daqueles projetos, mas em amplitude ainda modesta. Em 2004, o indicador oscilou até 34,06%, subindo a 36,28% em 2005.

ACIMA DA MÉDIA

A partir de 1996, a nova série da PIA mostra que a receita líquida de vendas aumentou quase seis vezes no Estado, pulando de R\$ 4,337 bilhões para R\$ 25,108 bilhões em 2005, em valores nominais. Na ponta do lápis, uma variação acumulada de quase 479% em nove anos, enquanto as vendas da indústria no restante do País cresciam "apenas" 246%. A fatia da indústria goiana na receita líquida de todo o setor avançou de 1,23% em 1996 para 1,46% em 1999 até atingir 2,05% há dois anos. Com a chegada de novas indústrias, como a Hyundai/Caoa, Siderúrgica Planalto e Anglo American (Projeto Barro Alto), e a expansão de outras, a exemplo da Perdigão, Copebrás e Votorantim Metais, essa participação deverá indicar novos incrementos nas pesquisas seguintes.

O valor da transformação industrial (VTI) igualmente cresceu em ritmo mais acelerado do que o restante do País, acumulando variação de 372,5% em Goiás, frente a 218,5% na indústria brasileira como um todo.



Alimentos, ainda o “dono” do pedaço

A indústria de alimentos e bebidas – especialmente com a chegada de grandes empresas, como Perdigão, Schincariol e Coca-Cola, e com a expansão da antiga Arisco, agora absorvida pela gigante Unilever, a ampliação do Grupo Mabel e o desembarque de grandes frigoríficos – ainda é dona da maior fatia da produção industrial. Embora recentemente outros segmentos tenham revelado avanços significativos, a exemplo das indústrias de produtos químicos (adubos e fertilizantes) e de medicamentos e de montadoras de veículos automotores, reboques e carrocerias, o predomínio do setor de alimentação continua quase inabalável.

A PIA de 1982 atribuiu às indústrias de alimentos e bebidas, ainda incipientes no Estado, participação de 26% no total de empregos e de 33,9% no valor da transformação industrial. Oito anos mais tarde, a participação havia alcançado 42,2% no total de empregados e 49,6% na produção, recuando, em 1994, quando houve o lançamento do Plano Real, para 41,9% no valor agregado da transformação industrial. Paradoxalmente, revelando a força empregadora do segmento, a fatia no total de empregos aumentou para 47,1%.

Mas foi em 1999, coincidindo com o início das operações da Perdigão e com a ampliação do complexo instalado em 1997 em Rio Verde, que o setor de alimentos atingiu o que parece ser sua participação máxima, até aqui, passando a representar 55,4% de toda a transformação industrial realizada em Goiás. Mas, ao contrário do que ocorreu no período anterior, a fatia no emprego encolheu para 37,5%, voltando a crescer para 39,8% em 2005, quando a participação na produção recuou para 51,3%.

Os dados mais recentes do IBGE ainda não captaram o impacto do boom observado no setor mineral, com investimentos previstos em mais de R\$ 4,2 bilhões até 2011. Por isso, os dados da pesquisa industrial mostram um tombo na participação da indústria extrativa mineral de 8,1% para 4,7% entre 1999 e 2005,

período em que grandes unidades de produção de cimento e calcário fecharam as portas e/ou desaceleraram sua operação. Isso fez com que a parcela da produção ocupada pela indústria de

extração de minerais não-metálicos murchasse de 7,5% em 1999 para 3,7% em 2005. Com a retomada da produção no setor, a tendência é de recuperação para os anos seguintes. ➔

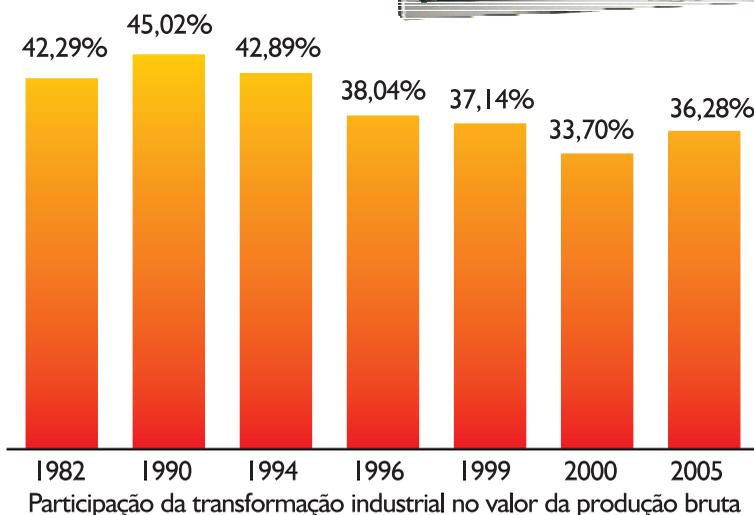
Produtividade dispara...

Valor da transformação industrial por empregado na indústria (R\$ mil)

Ano	Goiás	Brasil	Goiás/Brasil	Varição
1994	21,3	29,0	0,73	2005/2004 +10,1%
1996	22,6	31,8	0,71	+5,6%
1999	28,7	42,8	0,67	
2002	42,3	61,1	0,69	
2004	54,4	76,1	0,71	Varição 2005/1994 +180,54%
2005	59,9	80,3	0,75	+177,0%

...Mas conteúdo local perde espaço

Indústria goiana reduz uso de matérias-primas e insumos locais no processo de produção



Fonte dos dados brutos: IBGE

Os novos "candidatos"

Os anos 80, com a aprovação da Lei 9.489/1984, que criou o Fomentar, anota o economista da Fieg, Reinaldo Fonseca, o Estado observou uma nova onda de investimentos e de expansão industrial. Essa tendência, prossegue ele, seria reforçada na virada do século, com a edição, em 2000, da Lei 13.197, criando o Produzir.

Os movimentos identificados em setores de maior valor agregado têm contribuído para redesenhar o perfil da indústria, notando-se, a partir de 2007, incremento acentuado de retomada do setor alcooleiro, estimulada pelo crescimento acelerado da demanda doméstica. Antes disso, os grandes investimentos detonados pela indústria de adubos e fertilizantes e a consolidação do pólo farmacêutico em Anápolis, Goiânia e Aparecida de Goiânia impulsionaram a participação do segmento de fabricação de produtos químicos no VTI, que saltou de 8,9% para 11,65% também entre 1999 e 2005.

Primeiro, com a chegada a Catalão da Mitsubishi Motors Company do Brasil (MMC), em associação com o grupo Souza Ramos, e da John Deere (ex-Cameco) e, mais tarde, com a franca expansão da mesma MMC, a indústria de montagem de veículos, reboques e carrocerias elevou sua fatia no VTI estadual de meros 0,26% em 1999 para 4,33% apenas seis anos depois. Muito provavelmente, a implantação em Anápolis da montadora da Caoa/Hyundai deverá significar nova arrancada da indústria.

A indústria de produção de coque, refino de petróleo e produção de álcool, especialmente em função deste último, já vinha experimentando alguma aceleração, ao sair de



A força da agroindústria em Goiás: avanço da soja muda geografia do Cerrado e atrai investimentos de grandes processadoras de grãos e carnes

1,86% para 3,63% do VTI entre 1999 e 2005 – o que, na verdade, podia ser visto como mera recuperação, ainda insuficiente para repetir o feito de 1996, quando o segmento respondeu por 6,24% da transformação industrial. O crescimento vigoroso dos investimentos em novas usinas e na ampliação daquelas já instaladas em Goiás, destacadamente a partir de 2007, tende a reforçar a posição do setor na base industrial goiana daqui em diante.

O setor de vestuário e acessórios, com ampla capacidade de geração de empregos, ao contrário das montadoras, despencou de 6,45% em 1996 para 2,85% em 2005, enquanto sua participação no emprego industrial total também baixou, de 17,8% para 12,2%. O setor de bens de capital (máquinas e equipamentos), que tinha participação de 0,39% no valor da transformação industrial em 1996, avançou para 0,49% em 1999 até atingir 0,63% em 2005.

PRODUTIVIDADE EM DISPARADA

O crescimento vigoroso do valor agregado pela indústria goiana à produção, aliado

ao avanço relativamente modesto do emprego, fez disparar a produtividade do setor. A Pesquisa Industrial Anual mostra que o valor da produção industrial por empregado pulou de R\$ 22,6 mil em 1996 para quase R\$ 60 mil em 2005.

Aqueles valores representaram variação de 165%, num percentual arredondado, e refletiram salto de 372,5% no valor da transformação industrial. Para comparação, o total de empregados, variável que também influenciou na definição da produtividade industrial, avançou 78,4%. A produtividade da indústria em Goiás passou a crescer mais velozmente do que o restante do País, o que tem permitido encurtar a distância em relação aos níveis médios de eficiência industrial. Na comparação com 2004, o indicador em 2005 cresceu 10%, frente a 5,6% na média do País.

A produção média por empregado na indústria em Goiás, na faixa de R\$ 59,860 mil, passou a representar 74,5% do indicador nacional (R\$ 80,290 mil). A distância era ligeiramente maior em 1999, correspondendo a 67% da média brasileira. ➡

Número de novas indústrias atraídas para Goiás cresceu dez vezes em 11 anos, superando 4,5 mil unidades, segundo o IBGE

O peso do setor na criação de riquezas

Com base nos dados do Produto Interno Bruto (PIB) estadual, aferidos pela Secretaria de Planejamento (Seplan-GO) e pelo IBGE, a indústria goiana como um todo havia experimentado variação de 2,55% em 2005, diante de

8,7% e 8,6% em 2003 e 2004, respectivamente. A perda de fôlego explica-se, em parte, pelo tombo na produção da indústria extrativa mineral (menos 7,21% em 2005), resultado da queda na produção de amianto e de calcário agrícola. A reviravolta no setor mineral ocorre, no entanto, depois de dois anos de forte incremento (16,3% em 2003 e 14% em 2004).

Mesmo com a desaceleração, o setor industrial conseguiu elevar proporcionalmente sua participação no PIB, quando se leva em conta apenas a nova metodologia definida pelo IBGE. No agregado, incluindo a construção civil e o setor de extração mineral, além de serviços

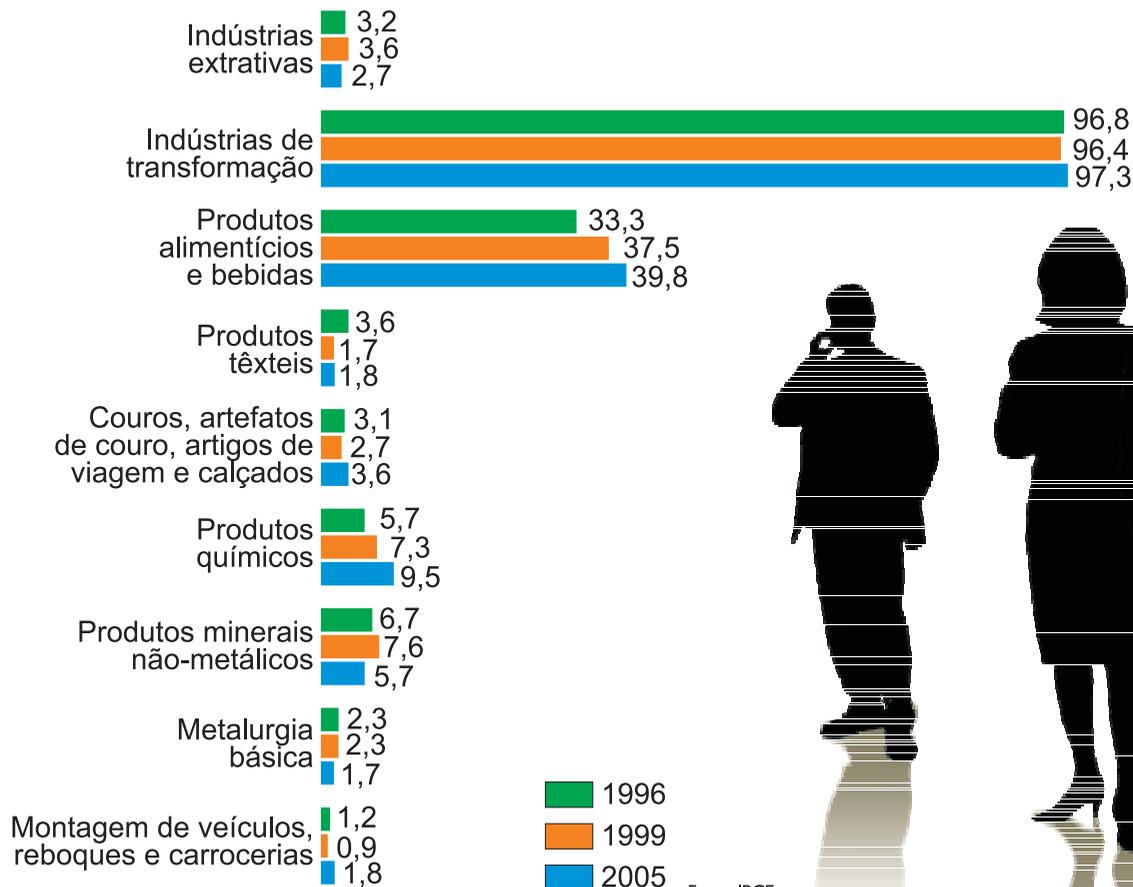
industriais de utilidade pública (energia, gás e água), a fatia da indústria variou de 23,90% em 2002 para 24,98% em 2004, elevando-se para 25,97% em 2005. Na série antiga, que agregava segmentos agora redistribuídos para o setor de serviços, a participação da indústria chegava a 35,48% em 2004. Isso corresponde a uma perda de R\$ 4,610 bilhões naquele ano.

NOVO MAPA DOS INVESTIMENTOS

As intenções de investimento no setor de álcool e açúcar, em Goiás, subiram praticamente 40% desde setembro, acumulando alta de 87% desde março do ano passado, segundo pesquisa

Quem emprega mais

Participação por setor no total de pessoas ocupadas na indústria goiana (em %)



Fonte: IBGE

realizada semestralmente pela Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação (Sepin) da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento de Goiás (Seplan-GO). Entre 2008 e 2011, o levantamento prevê a injeção de R\$ 12,765 bilhões no setor, envolvendo um total de 86 projetos, incluindo novas unidades e expansão ou modernização das usinas já instaladas.

Sozinho, o setor de álcool e açúcar deverá responder por 48,7% de todos os investimentos projetados para o Estado naqueles quatro anos. O dado parece desmentir a recente tendência de desaceleração dos projetos anteriormente

anunciados por empresas do setor e novos investidores. Mas deve-se levar em conta que os números correspondem a intenções de investimentos divulgadas pelas empresas por meio da imprensa e a projetos apresentados ao Produzir e Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) a partir de setembro do ano passado.

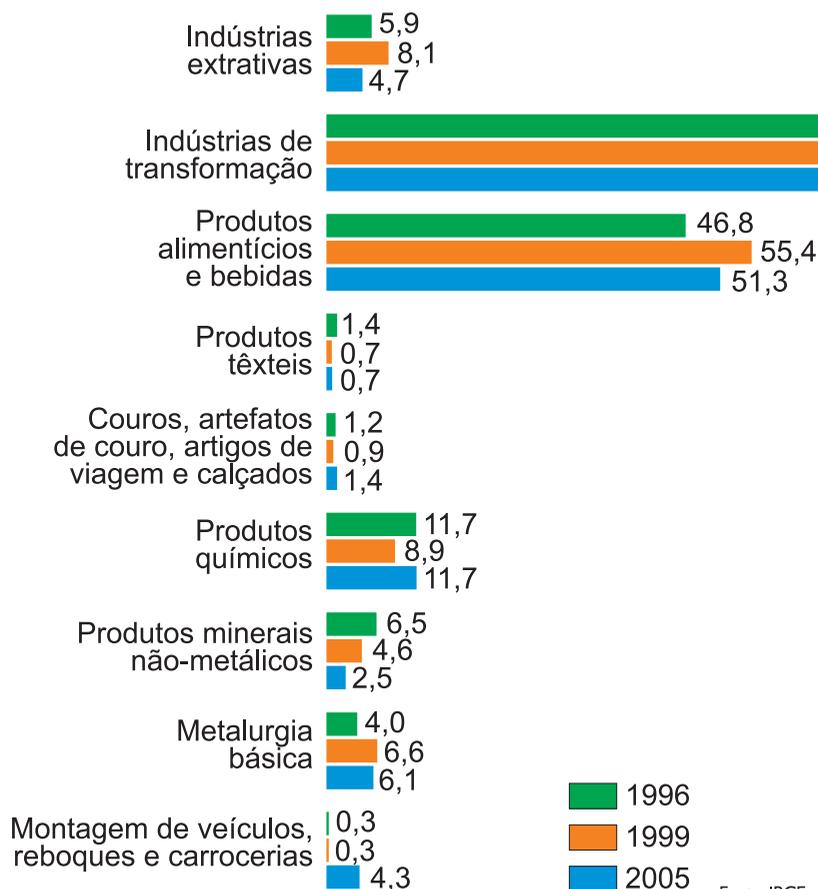
O fato concreto é que, se desconsiderado o setor de álcool e açúcar, as intenções de investimento experimentaríamos queda, quando comparados aos dados divulgados na pesquisa de intenção de investimentos de março de 2007. Naquela época, todos os demais setores da

economia haviam antecipado a decisão de investir R\$ 13,877 bilhões entre 2007 e 2010, valor que baixou para R\$ 13,424 bilhões em março deste ano, em queda de 3,3%.

Na soma de todos os setores, as intenções de investimento avançaram de R\$ 20,704 bilhões em março do ano passado para R\$ 21,645 bilhões em setembro (mais 4,5%), atingindo R\$ 26,189 bilhões em março deste ano – com elevação de 21% nos últimos seis meses e de 26,5% em 12 meses. O total de empregos previstos avançou de 124 mil em março de 2007 para 142,2 mil no mesmo mês deste ano, representando incremento de 15,1%. ■

Ganhos e perdas

Setores têxtil e de minerais não-metálicos encolhem, produtos químicos e montadores ampliam participação no valor da transformação industrial em Goiás (em %)



Balanco do Produzir

Ano	Contratos	Empregos	Investimento Fixo (R\$ milhões)	Créditos fiscais (R\$ milhões)
2001	16	3.064	52,722	412,756
2002	38	3.974	238,736	1.576,659
2003	74	7.420	355,007	2.655,015
2004	87	8.269	665,329	3.572,024
2005	93	10.962	1.067,648	6.588,802
2006	57	7.228	764,526	10.547,914
2007	68	48.531	3.262,96	13.878,82
2008*	23	8.541	630,871	6.061,99
Total	465	101.325	7.149,76	45.840,93

(*) até 31/03/08
Fonte: GoiásFomento

Fonte: IBGE

3 S, DE SERVIÇO, SOMA, SUCESSO

Crescimento acelerado da indústria de mineração, especialmente, no norte goiano cria novos desafios para formação e capacitação de recursos humanos

■ *Andelaide Pereira, de Minaçu*

O forte aquecimento do setor de mineração em Goiás tem provocado mudanças significativas na economia dos municípios da Região Norte do Estado. A chegada de novos empreendimentos e a expansão de indústrias já existentes contribuem com o aumento da oferta de empregos, a geração de riquezas e a fixação da população local.

Em Minaçu, a 510 quilômetros de Goiânia, a Sama Minerações Associadas – uma das três maiores produtoras mundiais de amianto crisotila – comprova esse boom do segmento com previsão de 7% de crescimento na produção do minério em 2008. Para atender à demanda dos mercados interno e externo, a empresa investe na compra de equipamentos e na qualificação de mão-de-obra.

Somente neste primeiro trimestre do ano, quase 80 funcionários da mineradora fizeram cursos de aperfeiçoamento profissional e outros 167 integram turmas de aprendizagem industrial e de habilitação técnica. As atividades de educação profissional são realizadas por meio de sólida parceria mantida há quase 20 anos com o Senai Goiás – instituição integrante do Sistema Federação das Indústrias no Estado de Goiás.

BONS FRUTOS

Construído dentro da Vila Residencial Sama, em 1979, o então Centro de Formação Profissional passou, em novembro de 1988, à responsabilidade do Senai, com assinatura de termo de cooperação mantido até hoje. Ano passado, o Sistema Fieg ampliou sua atuação em Minaçu com a implantação de ações do Sesi no município. Com a integração das

duas instituições, a antiga Escola Senai Sama passou à denominação de Unidade Integrada Sesi Senai Sama.

Em janeiro de 2008, a unidade assumiu novo desafio, formalizado em outubro do ano passado – gerenciar a escola da mineradora, que atende filhos dos funcionários e alunos da comunidade. No projeto, a Sama investiu mais de R\$ 300 mil em equipamentos e melhoria da estrutura física. A Escola Sesi Sama, que também funciona dentro da mineradora, oferece da educação infantil ao 3º ano do ensino médio, além de aulas de teatro, dança, pintura em tela e coral.

Para o diretor geral da Sama, Rubens Rela, a atuação integrada do Sesi e Senai em Minaçu irá contribuir ainda mais com o desenvolvimento da região, fortalecer o crescimento da atividade mineral no pólo industrial, além de aumentar a empregabilidade da comunidade.



RUBENS RELA

Diretor-geral da Sama: "Essa união de esforços tem gerado iniciativas de sucesso, como a implantação do curso técnico em mineração e a excelente gestão da Escola Sesi Sama"

JOSELITO SILVA

Gerente industrial: "Para nós, que sofremos com a carência de técnicos em mineração, a implantação do curso tornou real um sonho antigo"

JOBERT DINIZ

Supervisor de produção: "Essa é a terceira habilitação que faço no Senai e estou bastante motivado"

JOSUÉ MOURA

Diretor do Sesi Senai: prevista instalação de biblioteca, salas para a área de relações com o mercado e escritório do Sesi



Mercado em alta, profissionais em falta

A exemplo da construção civil, que também vive fase de acelerado crescimento, a mineração foi apontada em recente pesquisa realizada pelo Senai Goiás como um dos setores que enfrentam maiores dificuldades para encontrar mão-de-obra qualificada. Atento a essa realidade, o Senai intensifica as ações destinadas à formação de profissionais especializados para o segmento. Uma delas é a criação do curso técnico em mineração ministrado, inicialmente, na Unidade Integrada Sesi Senai Sama.

Dos 70 alunos que compõem as duas primeiras turmas da habilitação, metade é formada por funcionários da Sama e a outra por pessoas da comunidade. O objetivo é preparar a mão-de-obra local para atender à grande demanda da mineradora. "Essa prática valoriza a comunidade em que atuamos, aproveitamos melhor nosso quadro de colaboradores, além de reduzirmos custos por não precisar mais buscar profissionais fora do Estado", destaca Rubens Relá.

SONHO REALIZADO

Para o gerente industrial da Sama e coor-

denador do curso técnico em mineração, Joselito Dásio da Silva, a metodologia adotada na habilitação, em que teoria e prática caminham de braços dados, facilita o aprendizado e prepara os técnicos de acordo com as exigências do mercado. "As disciplinas específicas da área são ministradas por profissionais experientes da Sama. Outro bom recurso foi misturar as turmas, o que estimula a troca de experiências entre os funcionários da empresa e as pessoas da comunidade. Para nós, que sofremos com a carência de técnicos em mineração, a implantação do curso tornou real um sonho antigo", comemora.

CAIU DO CÉU

Técnico de produção da Sama, Vandair Batista Gomides planejava enfrentar um curso de técnico em mineração fora do Estado, quando surgiu a chance de fazer a habilitação na cidade mesmo. "Para mim, a oportunidade caiu do céu. Estudei e me esforcei muito para passar na seleção porque tenho boas expectativas de crescimento profissional", acredita.

Jobert Gonçalves Diniz, supervisor de produção, diz que a formação técnica em mineração é importante para todos que buscam a melhoria contínua e fundamental para quem trabalha na área industrial da empresa. "Nunca parei de estudar. Essa é a terceira habilitação que faço no Senai e estou bastante motivado com o curso técnico em mineração por oferecer uma formação abrangente e completa".

O QUE FAZ O TÉCNICO EM MINERAÇÃO

Antiga reivindicação do setor, a habilitação técnica em mineração teve seu plano de curso elaborado em parceria entre o corpo técnico do Senai e das mineradoras Anglo American, Sama, Fosfertil, Copebrás, Votorantim e Mineração Maracá. A iniciativa visa formar profissionais com perfil voltado para as reais necessidades das indústrias.

Aprovado pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), o curso técnico vai formar profissionais aptos a coordenar, planejar, pesquisar, supervisionar e a realizar procedimentos de lavras em jazidas minerais, processos e métodos de produção e beneficiamento mineralógico, aplicando conhecimentos e técnicas na utilização de máquinas, instrumentos, informática e aparelhos específicos em procedimentos industriais, entre outras atribuições.

PRODUÇÃO AVANÇA

Considerada uma das 150 melhores empresas para se trabalhar, em pesquisa realizada pela revista Exame - Você S/A em 2005, a Sama Minerações Associadas chegou a Minaçu em 1962 e hoje ocupa a 3ª posição no ranking mundial de produtores de amianto crisotila, sendo responsável pelo abastecimento de 10% do consumo global do minério.

Desse total, 60% são consumidos pelo mercado brasileiro e 40% exportados para mais de 20 países, entre eles Japão, China, Índia, Tailândia, Indonésia, Emirados Árabes, Nigéria, México, Colômbia e Equador. A mineradora produz anualmente cerca de 240 mil toneladas de amianto. "Com a expansão do mercado, a previsão é de atingir 300 mil toneladas ainda este ano. Para acompanhar esse ritmo, investimos R\$ 3 milhões em equipamentos na linha de produção", informa Joselito Dásio.



sesi

SESI
SAMA

Revolução na escola

Além da educação formal, a instituição mantida por Sesi e Sama fornece as ferramentas para a formação de cidadãos em Minaçu

■ *Débora Orsida*, de Minaçu

Professora há 30 anos, Maria Elzi Santana Coutinho Carvalho é uma apaixonada pela educação e ainda hoje se emociona quando seus alunos aprendem a ler e escrever. "Educar é uma coisa muito gostosa. É gratificante ver o desenvolvimento das crianças, essa é a minha realização", define. Um novo alento na carreira da experiente educadora foi a chegada a Minaçu do Serviço Social da Indústria, com o funcionamento da Escola Sesi Sama, em janeiro. "Primeiro veio a expectativa e agora a alegria de fazer parte dessa equipe", diz a professora, animada com a reforma feita no prédio da antiga escola, instalada dentro da mineradora. "A mudança física influencia no aprendizado. Agora todas as salas de aula têm ar-condicionado, o que deu mais disposição aos alunos e professores. É qualidade de vida e de trabalho."

Assim como Maria Elzi, outros professores, pais e alunos aprovaram a nova estrutura da escola e os novos equipamentos adquiridos. "Temos aula com data-show. É muito bom. Desperta mais nosso interesse no aprendizado", diz Larissa Cabral, de 11 anos, aluna do 7º ano do ensino fundamental.

Morada há oito anos em Minaçu, a garota achou boa a chegada do Sesi na cidade. "Eu quero fazer faculdade de química na Universidade Federal de Minas Gerais e preciso ter o melhor aprendizado para alcançar meu objetivo. Eu gostei do Sesi, que elevou a qualidade da escola e também do ensino. Fico quase o dia todo na escola, faço teatro, educação física e artes", conta.

Mãe de Cláudio Ferreira Leal, de 15 anos, aluno do 1º ano do ensino médio, Cleide Ferreira Ferrão considera que o Sesi vem atendendo às expectativas. "Eu sou uma otimista e sempre acredito na mudança. Nesse primeiro momento, essa parceria do Sesi com a Sama proporcionou melhora física na escola, um ambiente apropriado para os alunos", destaca.

Cleide notou também maior interesse do filho em participar das atividades escolares. Segundo ela, hoje ele tem mais vontade de ir para a escola. "Cláudio está mais interessado,

estudando mais. Acredito que ele esteja amadurecendo, já começa a pensar no vestibular, mas a escola estimula esse interesse também", diz a mãe, que espera ganhos também na biblioteca, nos laboratórios de química e física.

Para Rubens Relá, diretor geral da Sama, a parceria entre o Sesi e a empresa tem sido motivo de alegria para todos. "Os pais estão satisfeitos com a seriedade com que a instituição conduz as atividades. Melhoramos o ambiente escolar, instalamos ar-condicionado nas salas, enfim, proporcionamos mudanças significativas na estrutura física. Boas instalações, bons professores e excelente organização são ingredientes para o sucesso da Escola Sesi Sama", afirma.

A unidade atende 750 alunos nos períodos matutino e vespertino e oferece, além do ensino formal, atividades extracurriculares como artes, esportes, teatro, dança. Diretora da escola, Raquelina Ferreira, ressalta que a missão da instituição é oferecer educação de qualidade aos filhos dos trabalhadores da indústria e à comunidade. "O Sesi contribui para que a indústria realize política de responsabilidade social, oferecendo educação às crianças e aos jovens do município, e garante a manutenção de uma escola de qualidade, que forma cidadãos para o exercício da cidadania e contribui para o desenvolvimento do País."

"Preciso ter o melhor aprendizado para alcançar meu objetivo. Eu gostei do Sesi, melhorou a qualidade da escola e também do ensino."



Larissa Cabral, de 11 anos, aluna do 7º ano do ensino fundamental da Escola Sesi Sama



"Nesse primeiro momento, essa parceria do Sesi com a Sama proporcionou melhora física na escola, um ambiente apropriado para os alunos"

Cleide Ferrão, mãe de aluno

Currículo:
escola atende
750 alunos e
oferece, além do
ensino formal,
atividades
extracurriculares
como artes,
esportes, teatro,
dança



Encontro com o outro

Um dos primeiros projetos desenvolvidos pela Escola Sesi Sama foi o Encontro com o Outro (ECO), destinado a auxiliar o processo de ensino-aprendizagem tendo como mediadores os próprios alunos, o que estimula a integração, o senso de responsabilidade e a formação de valores como sensibilidade e solidariedade, com reflexos na formação de auto-estima.

Diversas outras ações mobilizaram a escola, como a campanha de conscientização sobre os bens coletivos – mobiliário escolar, telefones públicos, computadores, banheiros, livros da biblioteca, materiais da cantina –, além de visitas a creches e asilos, trabalho de monitoria com alunos de outras escolas, Projeto Amigos da Escola, vídeos, produção e apresentação de textos dramáticos. Houve até chá dos avós e o 1º Encontro de Pais - Educando Para a Vida, que reuniu pais de alunos, funcionários e outros convidados, com apresentações teatrais, músicas, exposição de cartazes, dinâmicas e depoimentos de participantes.

Iniciativa do aluno Marcos Mendonça, de 11 anos, do 6º ano do ensino fundamental, uma campanha envolveu colegas, pais e professores na doação de roupas, calçados e alimentos para uma família carente do município. "Meu pai e eu descobrimos essa família e eu pedi autorização à diretora Raqueline para ajudarmos. Eles precisam muito, são nove filhos. Graças a Deus todos resolveram nos ajudar, recebemos doações de roupas, sapatos e comidas dos alunos e dos pais. Eu tenho certeza de que eles ficarão muito felizes", conta o jovem, que com o gesto de cidadania demonstra já saber bem o significado da palavra dividir.

Essa foi a primeira vez que Jordana de Souza Camargo, também aluna do 6º ano do ensino fundamental, ajudou uma família carente. Para ela, esse momento é muito importante. "Graças ao Marcos pudemos nos reunir e oferecer um pouco do que temos para aqueles que não têm nada. Estou feliz em poder participar dessa campanha." ■



Quem tem
conhecimento
vai pra frente.

O Sebrae desenvolveu uma série de produtos e serviços que vão ampliar o seu conhecimento sobre os negócios e tornar sua empresa mais eficiente. Fique por dentro do que o Sebrae preparou especialmente para você e participe!

Consultorias Coletivas

Oferecem informações, em temas específicos, com o intuito de solucionar e/ou prevenir problemas nas micro e pequenas empresas participantes. Têm como objetivo orientar o empresário na gestão de seu negócio, compartilhando soluções e práticas gerenciais, visando a melhoria dos processos de gerenciamento e favorecendo o aumento da competitividade da empresa no mercado.

Metodologia:

- 4 horas de reunião, das 19h às 23h, com cada grupo de empresários, nas temáticas abaixo
- 2 horas de consultoria individual por empresa, na sede do Sebrae, em horário a ser agendado diretamente com o consultor
- Valor por empresa (2 participantes): R\$ 10,00
- Inscrições somente na sede do Sebrae em Goiás

Maio

- 12/05 - Como administrar um salão de beleza
- 19/05 - Orientação para o crédito
- 26/05 - Custo e formação de preço de venda para o setor de serviços

Junho

- 02/06 - Custo e formação de preço de venda para o setor de comércio
- 09/06 - Atendimento ao cliente
- 16/06 - Como planejar o próprio negócio
- 23/06 - Orientação para o crédito
- 30/06 - Fluxo de caixa

Palestras Gerenciais

Repassam informações aos empresários quanto ao planejamento, organização e controle de seus negócios, visando a geração de melhorias gerenciais, estimulando a percepção de novas possibilidades e tendências de mercado.

Metodologia:

- As palestras são realizadas das 19h às 21h
- Entrada franca
- Inscrições por telefone

Maio

- 14/05 - Promoção de vendas
- 28/05 - Qualidade e produtividade - conceitos que mudam um negócio

Junho

- 04/06 - Entendendo custos, despesas e preço de venda
- 11/06 - Qualidade no relacionamento com clientes
- 18/06 - A empresa e os novos tempos
- 25/06 - Procedimentos básicos para exportação



Sebrae. 35 anos.



www.sebraego.com.br

Av. T-3 n. 1.000, Setor Bueno - Goiânia (GO) - CEP 74210-240

Tel: 62 3250-2363 / 3250-2210

O segredo do negócio

Cursos de capacitação em exportação ajudam a abrir as portas do mercado internacional a médias e pequenas empresas goianas

As exportações goianas cresceram 125% nos últimos três anos, diante de um avanço de 66% acumulado pelas vendas externas do País em igual intervalo, o que demonstra vigor quase duas vezes mais intenso do que a média brasileira. Parte não desprezível desse desempenho pode ser creditado à conta dos esforços que o Sistema Fieg tem desenvolvido, por meio do Centro de Negócios Internacionais (CIN), em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), para formar cultura exportadora entre as empresas goianas.

Os cursos de capacitação em comércio exterior têm se destacado, também, na tentativa de diversificar a pauta de exportações do Estado, ainda concentrada em empresas de maior porte e produtos básicos, como soja e carnes, criando possibilidades para que pequenas e médias indústrias participem desse negócio e conquistem espaços no mercado internacional.

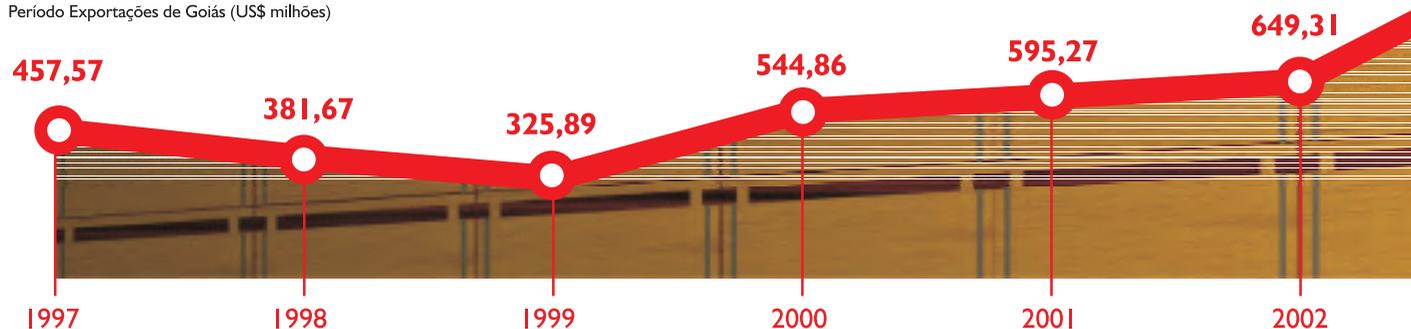


Rodrigo Almeida: cursos de capacitação em comércio exterior deram origem a novos projetos

Exportações atropelam o câmbio

Vendas externas realizadas a partir do Estado crescem acima da média brasileira, apesar do real ultravalorizado

Período Exportações de Goiás (US\$ milhões)



O PAPEL DO CIN

Criado para prestar serviços de assessoria, pesquisa e estudos de mercado a pequenas e médias indústrias, o Centro Internacional de Negócios (CIN), da Fieg, assessora a montagem de projetos de certificação de origem, que permitirão às empresas credenciadas participar de benefícios tarifários no exterior e de acordos comerciais do Brasil com outros países.

A equipe do CIN, coordenada pelo gerente Plínio Viana, responde pelo trabalho de preparação e consolidação de estatísticas relacionadas ao comércio exterior no Estado, além de operar os programas EuroCentro – Exporta CIN e Start Export –, em parceria com a União Européia.

O Exporta CIN adota metodologia customizada (ou seja, adaptada às condições e à vocação de cada empresa) com o objetivo de internacionalizar as indústrias interessadas, criando competência na área de comércio exterior. O programa inclui avaliação da capacidade exportadora da empresa, escolha e prospecção de mercados no exterior e consultoria de vendas.

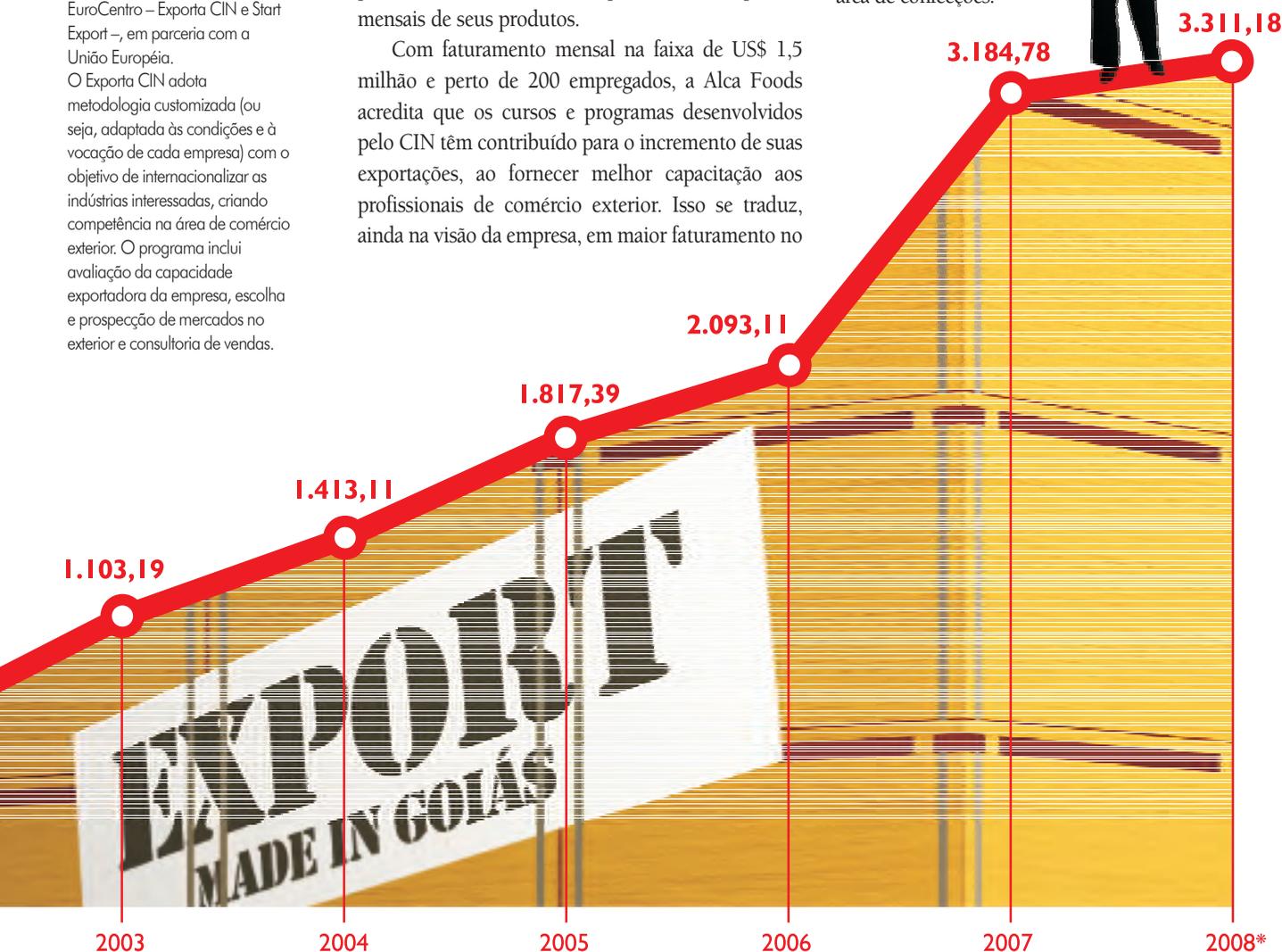
O apoio do Exporta CIN

Criada em 1996, com sede e indústria em Itumbiara, as exportações da Alca Foods, fabricante de cereais matinais e achocolatados, cresceram 30% no ano passado, na comparação com 2006, e projeta avanço de 25% para este ano. Entre outros mercados, os embarques têm sido direcionados para Chile, Emirados Árabes, Arábia Saudita, Ilhas Fiji, Líbia, Angola e Jamaica. Neste momento, a empresa acerta os detalhes finais para iniciar exportações regulares para a Arábia Saudita, com previsão de despachos mensais de seus produtos.

Com faturamento mensal na faixa de US\$ 1,5 milhão e perto de 200 empregados, a Alca Foods acredita que os cursos e programas desenvolvidos pelo CIN têm contribuído para o incremento de suas exportações, ao fornecer melhor capacitação aos profissionais de comércio exterior. Isso se traduz, ainda na visão da empresa, em maior faturamento no

mercado internacional, incentivando a indústria a buscar novos espaços lá fora. As queixas são direcionadas para o câmbio e aos custos de transporte, que afetam a competitividade das empresas.

Com o suporte do Programa Exporta CIN, a partir de cursos e treinamentos recebidos entre março de 2006 e junho do ano passado, o empresário Rodrigo Almeida conseguiu estabelecer contato com o Groupe 22V, da França. As primeiras conversas conduziram à formalização de um "grande contrato", nas palavras de Almeida, o que abre perspectivas novas para seus projetos na área de confecções.



(*) 12 meses encerrados em março/2008

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior/Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

De grafiteiro a designer de moda

APL capacita 235 pessoas para setor de confecção na região de Planaltina e Santo Antônio do Descoberto

■ Divina Rosa

"Saí da era primitiva para era contemporânea. Percebi uma evolução tremenda, nos traços, na suavidade do desenho." As palavras são de Josué Gomes, que trabalha com grafite em Planaltina, após fazer o curso de Design de Moda, ministrado pelo Senai na cidade, no Entorno do Distrito Federal. Ele foi um dos 235 concluintes da programação de capacitação na área de confecção desenvolvida no município e em Santo Antônio do Descoberto, na mesma região, por meio do programa Arranjo Produtivo Local (APL), em convênio com o Ministério da Integração Nacional. A entrega de certificados foi feita em abril.

Os cursos integram diversas atividades realizadas desde 2007 nas duas cidades, visando capacitar trabalhadores para o setor de confecção e proporcionar a organização dos Arranjos Produtivos Locais e a ampliação de renda e emprego para a população.

Responsável técnica pelo programa, a Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, de Anápolis, promoveu 800 horas de cursos gratuitos em cada um dos municípios, com aulas teóricas e práticas de costura industrial em tecido plano, modelagem, corte industrial, costura de roupa íntima, design de moda e manutenção em máquina de costura.

Depois de aprimorar seus traços nas aulas, o grafiteiro Josué Gomes já faz planos para seguir carreira na área de confecção. "Não sabia o que era desenho de moda e me apaixonei. Durante o curso eu andei pesquisando nas confecções da cidade, procurando um estágio. Quero começar a trabalhar na área, gostei muito e acho que aqui ainda vai crescer muito o setor de confecção. Quero aprender mais", resume.

O Ministério da Integração Nacional investiu R\$ 300 mil no aperfeiçoamento dos dois APLs, por meio da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (Ride), da Secretaria de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SCO), em convênio com as respectivas prefeituras e a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), por intermédio do Senai, instituição responsável pela execução do projeto.

Na próxima etapa do APL, os cursos serão voltados para os setores de gestão e comercialização, assistência técnica e tecnológica, organização de visitas a pólos de confecção, oficinas e workshops visando estimular o associativismo e o cooperativismo.



/// Aluno de Design de moda, Josué Gomes mostra a mudança nos traços dos seus desenhos após curso. "Não sabia o que era desenho de moda e me apaixonei"

/// Balanço: Sinézio Tomaz, secretário de Indústria e Comércio de Santo Antônio do Descoberto, Carlos Sobral, coordenador da Ride, e Walmir Telles, do Senai



Perfil das indústrias locais

Na primeira etapa do programa APL em Santo Antônio do Descoberto e Planaltina, além dos cursos de capacitação, o Senai contratou empresa especializada para o desenvolvimento de duas pesquisas uma com foco na análise do perfil das indústrias de confecções e outra sobre a satisfação dos alunos concluintes dos cursos de confecção e opinião do corpo docente.

Segundo dados do Perfil Empresarial das Indústrias de Santo Antônio do Descoberto, o setor de confecção é constituído, quase em sua totalidade, por costureiras autônomas informais. A informalidade constitui 75% das atividades desse setor. Os restantes 25% são de empresas formalmente registradas, representadas por apenas três microempresas familiares, que trabalham na produção de camisetas, uniformes, calças, vestidos e modinha. As que operam na informalidade trabalham sob encomenda, em regime instável, voltadas para atendimento à comunidade local ou da região. As empresas pesquisadas mantêm um total de 68 empregos. Nove empresas informais existentes empregam, em média, dois funcionários por estabelecimento. Observa-se nas indústrias constituídas baixa ocupação de mão-de-obra, com média de 16 funcionários por empresa, caracterizando a classificação de microempresa.

Em Planaltina, onde também impera a informalidade, foram identificadas apenas quatro confecções legalmente constituídas. As costureiras autônomas respondem por 83,3% do setor. As confecções geram apenas 59 empregos.

Mesmo diante dessa realidade, o coordenador geral da Ride, Carlos Henrique Menezes Sobral, acredita que, com ações específicas como as que vêm sendo empreendidas por meio do programa APL, o setor confeccionista tem chances de evoluir nos dois municípios e se tornar grande gerador de crescimento econômico e social. "Esse é um dos setores que mais empregam e geram renda no Brasil", explica.

Nos dois municípios foram identificados, por meio da pesquisa, entraves para a expansão do setor, como baixa qualificação dos recursos humanos, deficiência de capital de giro, de tecnologia de processos, baixa escala de produção, ausência de planejamento e controle, dificuldade de acesso às linhas oficiais de crédito e desconhecimentos de técnicas de comercialização. E é justamente nestes pontos que o programa APL tem procurado atuar.

Walmir Telles, coordenador de projetos do Senai, observa que o estímulo à formação de uma cadeia produtiva voltada para o setor confeccionista nessas cidades é um projeto de médio a longo prazo. "São muitas etapas a serem trabalhadas. A capacitação de mão-de-obra é apenas uma delas."

Qualificação para o trabalho

Demanda de mais de 2 mil vagas de emprego em Catalão incentiva parceria público privada para capacitação de jovens trabalhadores

■ Célia Oliveira

Hespártaco de Campos, 18 anos, Elaine Cabral, 26, Alessandro Moretti, 29, e Maria Pereira da Silveira, 33, são todos moradores de Catalão, cidade do Sudeste goiano que experimenta forte desenvolvimento da indústria, impulsionado pelo complexo minero-metalúrgico, mas vivem o drama daqueles que estão fora do mercado de trabalho. Jovens e desempregados, eles iniciam, agora, nova etapa de vida com chance de se qualificarem para ocupar uma das mais de 2 mil vagas de trabalho existentes nas empresas locais.

Os quatro jovens participam do Programa de Capacitação Profissional (PCP), idealizado pela Secretaria do Trabalho e Renda de Catalão, em parceria com o Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás), gestor do programa, e o Senai, responsável pelos cursos. É por essa ação, que prevê o treinamento de cerca de 3 mil pessoas, que Alessandro Moretti vislumbra melhorias para seu futuro. "Com o programa tenho me desenvolvido e estou em busca do primeiro emprego." A expectativa é comum para a telefonista Elaine Cabral, que faz o curso de montador automobilístico.



“

O Brasil inteiro começa a nos telefonar para conhecer esse programa do IEL, do Senai, da prefeitura e com certeza isso me deixa alegre. Adib Elias Júnior, prefeito de Catalão

”



Teoria e prática na indústria

O treinamento prático, no ambiente interno das indústrias interessadas em absorver a mão-de-obra, completa o ensino da sala de aula, o que dá sentido à teoria e ao que é construído na mente dos futuros profissionais da indústria goiana. O reforço da prática significa para esses jovens maiores possibilidades de formação e funciona como vitrine para as habilidades. "Fazer o treinamento dentro da indústria me deixa mais animado. As chances são maiores, pois posso mostrar minha vontade", testemunha Hespártaco de Campos. Natural de Pires do Rio, o jovem se mudou para Catalão há pouco tempo, mas conta que nunca conseguiu oportunidade nas indústrias. "Agora, com o curso, já consigo ver chances, porque as empresas têm preferência por quem tem qualificação", afirma, ao comentar que o treinamento lhe dará uma base mais sólida. Dividindo o tempo com um curso de matemática, o estudante escolheu o treinamento de montador automobilístico um pouco por paixão. "Meu pai era mecânico, é curioso ver um carro na linha de montagem."

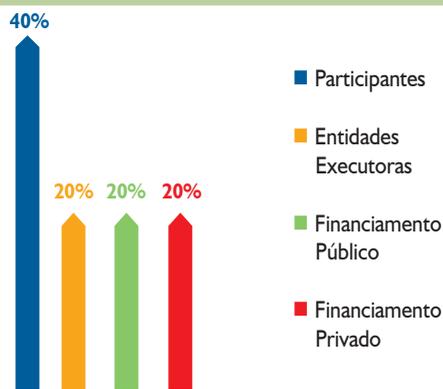
A promessa de uma nova vida para esses jovens reflete concomitantemente nas empresas, na gestão das instituições públicas e privadas condutoras do PCP. Se de um lado, está a real possibilidade de emprego, de outro, a facilidade na contratação de trabalhadores in loco aptos ao serviço. Os objetivos do PCP fizeram a administração municipal aprovar de imediato a execução do programa. "Quando fui procurado pelo IEL e Senai, além de meu secretário do Trabalho, falando do investimento que tínhamos que fazer para formar 3 mil jovens, não demorei muito para dar a resposta positiva", diz o prefeito de Catalão, Adib Elias Júnior.

ENFRENTANDO GARGALOS

Preencher a lacuna entre a oferta de trabalho existente na cidade e a não-contratação por falta de trabalhador qualificado exigiu não somente a iniciativa em conjunto das instâncias pública e privada, mas um esforço maior na viabilização financeira do PCP. A perspectiva de ter a gestão dos negócios facilitada e menos dispendiosa levou as empresas a assumir uma fatia do bolo de recursos para a execução das 23 turmas de treinamento criadas pelo programa.

"Ter aqui a mão-de-obra preparada é mais fácil para a empresa, reduz custos e valoriza o que temos aqui. Buscar fora é difícil", explica o diretor comercial da Central Metalúrgica Catalana (CMC), Sullivan Fernandes. O empresário, que industrializa produtos e presta serviços de metalurgia e manutenção às mineradoras, não admite abrir mão do requisito qualificação na hora de contratar, considerando que a CMC e demais empresas têm compromisso com a qualidade e com o consumidor.

Recursos do PCP





“Pombo-correio voa depressa
E esta carta leva para o meu amor...”

Da canção *Pombo-Correio*, de Moraes Moreira

A TRADIÇÃO E O MODERNO

Das cartas de amor, de amigos e de notícias deixadas nas antigas caixinhas de correios, substituídas pelo e-mail, passando pela Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, até a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, em Pirenópolis. Esses costumes e símbolos da cultura goiana inspiraram protótipos de calçados e bolsas desenvolvidos pela equipe do Núcleo de Inovação e Design de Calçados do Senai Goiás como proposta para a moda verão 2009.

A produção integra caderno nacional de tendências editado pelo Senai do Rio Grande do Sul e Sebrae, em parceria inédita com a Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal). Coordenado pelo estilista Walter Rodrigues, um dos principais do País, o novo projeto reúne pela primeira vez profissionais das três instituições envolvidas, em trabalho unificado de pesquisa de moda.

A publicação foi distribuída para mais de 200 empresários do setor durante workshop realizado em abril, na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, em Goiânia. O objetivo: antecipar as tendências para que

fabricantes de componentes consigam criar produtos adequados ao mercado, orientar o desenvolvimento de design e aproximar as empresas de seus potenciais clientes.

As inspirações para o próximo verão foram divididas em diferentes temas que mostram os estilos de consumidores cada vez mais influenciados e antenados com a moda globalizada. O núcleo goiano desenvolveu peças sobre o tema Memória, com aplicação no produto de técnicas que lembram a passagem do tempo, como o uso de couro enrugado, corroído ou craquelado, além de metais envelhecidos.

"Para relembrar momentos vividos, trabalhamos com figuras de pombos-correios e telegramas, que resgatam sensações saudosistas dos tempos em que era comum receber cartas. Costume substituído pelo e-mail", explica Denise Bernardes, designer do Senai Goiás. A religiosidade goiana também é destaque em elementos que simbolizam a chave da porta principal da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e a procissão dos carros de boi, realizada durante a tradicional Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, em junho.

DESIGN AO ALCANCE DAS INDÚSTRIAS

III O Núcleo de Inovação e Design de Moda e Calçados foi criado em 2003 por meio de parceria entre Senai, Sebrae e Fundação de Desenvolvimento de Tecnópolis (Funtec). Instalada na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, no Setor Centro-Oeste, a unidade busca a melhoria da qualidade dos produtos de vestuário e calçados de Goiás, ao promover a valorização e a disseminação do uso do design nas empresas.



SERVIÇOS OFERECIDOS

III Cursos, seminários, palestras, workshops, desenvolvimento de produtos, além de consultoria técnica e pesquisas de mercado, colocam à disposição dos dois segmentos tecnologia e inovação para maior competitividade do produto goiano.

ELES CONSTROEM A NAÇÃO

Alunos do 2º ano se mobilizam e conseguem mudar radicalmente a vida da família que moravam sob plástico e papelão em Bela Vista de Goiás

"Adolescente é visto como quem não quer nada com a vida. E nós mostramos que não é assim." O desabafo é de Leticia Gomes Gonçalves, de 15 anos, aluna do 2º ano do ensino médio do Colégio Êxodo Vestibulares, vencedor na categoria Destaque Social do Prêmio Construindo a Nação 2007. A premiação ocorreu no dia 29 de março, no Centro de Convenções de Goiânia.



conta emocionada a estudante que, com os colegas, mobilizou a escola e a comunidade com o objetivo de construir uma casa para a família e oferecer melhor qualidade de vida àquelas pessoas.

Mobilizados pelo projeto Mãos que Constroem, Leticia e mais 149 alunos do ensino médio e fundamental uniram-se para promover uma mudança na vida do catador de materiais recicláveis Lair Alves da Silva, morador da cidade de Bela Vista de Goiás, mais conhecido na região como Profeta.

"Lair vivia com seus dois filhos em condições subumanas. Eles moravam numa casa de plástico e papelão. Nós não acreditávamos que alguém pudesse viver daquele jeito",

E eles conseguiram. Hoje, Lair mora em uma casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Tem televisão, fogão, cama e alimentos. Vive dignamente. Para Leticia, ficou um grande aprendizado. "Vou sempre agradecer a Deus o que ele me dá. Aprendi a dar valor a tudo que tenho."

Para a diretora do colégio, Leilamar Correia, o prêmio é uma oportunidade de exercitar a cidadania. "Com o projeto Mãos que Constroem percebemos que é possível ajudar quando se trabalha em parceria. Contamos com o apoio dos alunos, professores, pais e da comunidade de Bela Vista, que prontamente atendeu ao nosso chamado", conta a diretora, que destaca também o empenho dos alunos.

Debates e reflexões

Reconhecer e premiar os melhores projetos de cidadania desenvolvidos por escolas é o objetivo do Prêmio Construindo a Nação, realizado nacionalmente pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), pelo Sesi e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento da Cidadania. Em Goiás, a promoção é realizada pelo Sesi Goiás, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, os Sindicatos dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do

Estado e de Goiânia, o Grande Oriente e a Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

Em sua segunda edição, o Construindo a Nação provocou debates e gerou reflexões na comunidade escolar. Foram 133 projetos com idéias inovadoras e mais de 25 mil alunos de 55 municípios colocaram a mão na massa. Os estudantes desenvolveram temas como meio ambiente, alimentação, saúde, qualidade de vida e valorização da cultura regional.



**Alunos do Êxodo Vestibulares:
vencedores na categoria Destaque
Social da edição 2007 do Prêmio
Construindo a Nação**

EXPERIÊNCIAS VENCEDORAS DE 2007:

CATEGORIA ENSINO FUNDAMENTAL

- AFMA - Ação Social Comunitária - Padre Bernardo
- Escola Estadual Diógenes de Castro Ribeiro - Uruana
- Colégio da Polícia Militar de Goiás - Polivalente Modelo Vasco dos Reis - Goiânia

CATEGORIA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- Centro de Educação de Jovens e Adultos de Aragarças - Aragarças
- Escola Estadual Presidente Kennedy - Goianésia

CATEGORIA ENSINO MÉDIO

- Colégio Estadual Alfredo Nasser - Britânia
- Colégio Ávila - Minaçu
- Colégio da Polícia Militar de Goiás - Itumbiara

DESTAQUE SOCIAL

- Colégio Êxodo Vestibulares - Bela Vista de Goiás

HONRA AO MÉRITO

- Colégio Classe Sistemas de Ensino Ltda - Goiânia



Antônio Almeida, Jorge Parente, Paulo Afonso e a vereadora Cidinha Siqueira (PT): Cores será instrumento para estimular engajamento de empresas

DAQUI PARA O RESTO DO PAÍS

Programa de coleta seletiva e reciclagem de resíduos da indústria criado em Goiânia poderá ser modelo para projetos semelhantes em outros Estados

Reunido pela primeira vez em Goiânia, no dia 23 de abril, o Conselho Temático de Responsabilidade Social da Confederação Nacional da Indústria (Cores/CNI) vai levar à diretoria daquela entidade a proposta de replicar para o restante do País o programa de coleta seletiva de resíduos recicláveis adotado em Goiânia, numa parceria entre Prefeitura, Sistema Fieg, por meio do Cores estadual, empresas privadas e entidades de catadores de lixo.

O programa ganhou elogios do presidente do Cores/CNI, Jorge Parente, que antevê possibilidades de inclusão social e geração de renda em nível nacional, com impactos positivos sobre o meio ambiente e a qualidade de vida em áreas urbanas. "Vamos levar a proposta à avaliação da diretoria da CNI. Mas, pelo escopo do projeto, sua aprovação é bastante provável", comentou. O Sistema Fieg atua para estimular a participação do maior número de empresas no programa, com a destinação correta de resíduos da produção industrial.

Parente fez questão de destacar dois outros programas desenvolvidos no âmbito do Cores/CNI, também pelo alcance social de cada um deles. "São

projetos emblemáticos", disse. O primeiro trata-se do Prêmio Construindo a Nação, que envolve ações e lições de cidadania e ética nas escolas básicas e de ensino fundamental. Neste ano, cerca de 4 mil escolas participam do programa, que prevê a entrega de prêmios e bolsas de estudos às escolas e alunos que apresentarem melhor desempenho.

Na mesma data, Parente e Almeida participaram, ao lado de empresas com representação no Cores e políticos, do lançamento da revista *Cores*, em solenidade comandada pelo presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira. A publicação, declarou Paulo Afonso, "será um instrumento para aglutinar empresas com atuação socialmente responsável, apresentando experiências que deverão induzir outras empresas a se engajar em projetos nesta área".

Ao final, o presidente da Fieg lançou o desafio: "Cada empresa aqui presente deveria assumir o compromisso de atrair mais duas empresas para participar de iniciativas de responsabilidade social." A revista, com 48 páginas impressas em papel reciclado, numa iniciativa do Cores/Fieg, retrata a experiência de 11 empresas com ações nas áreas social e ambiental.

PROGRAMA SAI DO PAPEL

Começa a caminhar a proposta de inclusão social de catadores de lixo a partir da venda de resíduos recicláveis coletados em Goiânia

O movimento iniciado em maio do ano passado, com a instalação do Fórum de Coleta Seletiva de Material Reciclável e Inclusão Social, numa iniciativa da Fieg, por meio do Conselho Temático de Responsabilidade Social (Cores), Delegacia Regional do Trabalho (DRT) e Instituto Ethos, com participação de empresas goianas, começa a render os primeiros frutos concretos. No início de abril, a Prefeitura da capital baixou decreto que instituiu o Programa Goiânia Coleta Seletiva, em parceria com entidades do setor privado e da sociedade civil, envolvendo associações e cooperativas de catadores de lixo.

Numa divisão de tarefas, a Agência Municipal do Meio Ambiente (Amma) cuidará da educação ambiental, distribuindo folhetos e orientando crianças e adultos com uso de estagiários, e da instalação dos Pontos de Entrega Voluntária (PEVs), financiados por empresas parceiras. A Companhia de Urbanização de Goiânia (Comurg) definiu rotas específicas para a coleta de materiais recicláveis, que será realizada uma vez por semana. O material recolhido será destinado a centros de triagem, mantidos por cooperativas de catadores.

Até o momento, detalha Leandro Gondim Silva, assessor executivo do Cores, foram instalados 20 PEVs na cidade, que gera perto de

400 toneladas de resíduos recicláveis por dia, entre papéis, plásticos e metais. Outros 180 pontos de entrega deverão ser instalados neste ano. A programação definida pela Prefeitura previa, inicialmente, a implantação de 60 unidades em 11 bairros, impondo ao setor público municipal um prazo de 30 dias para se adequar aos termos do programa de coleta seletiva, o que significaria iniciar a segregação de resíduos sólidos ainda em maio.

Numa estimativa aproximada, o assessor do Cores calcula que existam cerca de 3 mil catadores em todo o Estado. Apenas em Goiânia, duas associações e seis cooperativas de catadores conseguem responder pelo processamento de apenas 30% dos resíduos recicláveis.

"Um dos propósitos do fórum é estimular a criação de novas associações e cooperativas, além de incentivar as empresas a aderirem ao programa", afirma Gondim. Em outra estimativa, ele projeta que cada família de catadores poderia acrescentar a sua renda mensal em torno de dois salários mínimos, "quando as entidades já existentes conseguirem melhor nível de organização". Faz parte da proposta, resume Gondim, retirar crianças das carrocinhas de lixo e dos lixões e colocá-las em salas de aula ou incluí-las em projetos culturais.



PEVS INSTALADOS A PARTIR DE ABRIL DE 2008

ENDEREÇO	SETOR
Praça Joaquim Lúcio	Campinas
Avenida Itália (pista de cooper)	Vila Alvorada
Praça Nova Suíça	Nova Suíça
Praça Walter Santos	Coimbra
Cepal	Sul
Praça próximo ao Detran	Cidade Jardim
Praça Marcelino Champagnat (fundo do Shopping Bougainville)	Marista
Rua 7 - entre Rua 4 e Av. Anhanguera	Central
Praça A	Campinas
Rua 4 com Avenida Araguaia	Central

PEVS JÁ IMPLANTADOS

ENDEREÇO	SETOR
PEV - AMMA	Central
PEV - AREIÃO	Pedro Ludovico
PEV - BEIJA FLOR	Criméia
PEV - COMURG	Vila Aurora
PEV - COOPERSOL	Vera Cruz
PEV - COOPREC	Jardim Conquista
PEV - MANHATTAN	Sudoeste
PEV - MOREIRINHA	Coimbra
PEV - SEST/SENAT	São Francisco
PEV - ZOOLOGICO (Lago das Rosas)	Oeste

Fonte: Prefeitura de Goiânia



Oton Nascimento Júnior

é secretário de Estado do Planejamento e Desenvolvimento

"Nenhum programa bem-sucedido de desenvolvimento se concretiza sem uma rede eficiente de logística"

Infra-estrutura, suporte ao desenvolvimento

Os avanços ocorridos na economia goiana ao longo dos últimos anos são notórios, colocando Goiás em posição de destaque no cenário nacional.

Pode-se afirmar que nossa economia caminha a passos largos, em especial pela diversificação das atividades produtivas, com potencial para avançar muito mais. Essa nova realidade é traduzida pelos dados estatísticos que apontam a economia goiana com crescimento acima da média brasileira. Se chegar a esse patamar exigiu muitos esforços, é preciso reconhecer que os desafios daqui por diante são ainda maiores. Para dar continuidade ao irreversível processo de desenvolvimento, de modo a garantir maior produção, maior geração de emprego e renda e, conseqüentemente, melhoria da qualidade de vida da população será necessário que o poder público e a iniciativa privada continuem atuando de modo coeso em prol dos interesses maiores do Estado.

Não há dúvida de que a infra-estrutura econômica é fundamental. Mais ainda: é o suporte a todo o processo de desenvolvimento, especialmente em se tratando de logística, bem como geração e distribuição de energia elétrica. Nenhum programa bem-sucedido de desenvolvimento se concretiza sem uma rede de logística capaz de assegurar o transporte rápido e barato das mercadorias e

produtos. Igualmente, o desenvolvimento não se faz sem energia elétrica.

Em Goiás, o governador Alcides Rodrigues se empenha, a todo custo, pela consolidação de importantes eixos rodoviários e ferroviários, assim como em ampliar a oferta e distribuição de energia elétrica para atender à demanda sempre crescente. Em parceria com o governo federal, atua firme pela construção da Ferrovia Norte-Sul, corredor que será um divisor de águas na economia de Goiás. Igualmente se empenha pela total duplicação da rodovia Goiânia-Itumbiara.

Em outra frente, Alcides Rodrigues dedica total empenho pela construção do alcoolduto, que vai ligar Senador Canedo a Paulínia, em São Paulo, com extensão até o

porto de São Sebastião, no litoral paulista. Essa obra mudará o perfil de todo o segmento sucroalcooleiro do Estado, tornando-o forte exportador de etanol.

Recentemente o governador Alcides Rodrigues anunciou investimentos de R\$ 120 milhões na melhoria da malha rodoviária goiana. Igualmente atua no sentido de consolidar a Plataforma Logística em Anápolis, com a instalação de um entreposto da Zona Franca de Manaus.

Outro aspecto que se avizinha como muito promissor para Goiás é a possibilidade concreta de um acordo com o Japan Bank for International Cooperation (JBIC), pelo qual Goiás poderá contrair empréstimo de até US\$ 500 milhões para investimentos em infra-estrutura econômica. Esses recursos serão utilizados na melhoria da malha rodoviária nas regiões onde se concentra a maior parte de projetos do setor sucroalcooleiro, bem como no fomento à cogeração de energia por essas mesmas usinas, além de promover sua ligação às redes de distribuição da Celg. ■



Troca de incentivos



Edgar de Oliveira Filho e Paulo Afonso: acordo pode viabilizar expansão da empresa no Estado

Estado cede e autoriza migração de empresas do Fomentar para o Produzir, impedindo, assim, a saída da Hering de Goiás

As empresas inscritas no Fundo de Participação e Fomento à Industrialização do Estado de Goiás (Fomentar) poderão migrar para o Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás (Produzir). A concessão, já referendada pelo secretário da Fazenda de Goiás, Jorcelino Braga, deverá ser formalizada ainda neste mês por meio de projeto de lei a ser encaminhado à Assembleia Legislativa, conforme anunciou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Paulo Afonso Ferreira, após rápido encontro com Braga, ocorrido ainda no dia 10 de abril.

A legislação em vigor veta a migração de

um programa para o outro, além de não possibilitar que as empresas enquadradas no Fomentar realizem novas expansões, com readequação dos incentivos contratados anteriormente. Paulo Afonso afirmou que a possibilidade de mudança para o Produzir será autorizada exclusivamente nos casos em que as empresas beneficiadas se comprometam a realizar novos investimentos. A decisão foi transmitida por Braga ao Fórum Empresarial, representantes do setor de vestuário e confecções, diretores da Hering, prefeitos e políticos, ao final de um dia de intensa mobilização política. A Hering, que produz 1,2 milhão de

peças por mês no Estado e já havia transferido 20% de sua linha infantil em Goiás para o Rio Grande do Norte, chegou a ameaçar cancelar toda sua operação goiana caso não fosse encontrada uma solução para o problema.

Participaram ainda da audiência com Braga, além dos diretores industrial, Edgar de Oliveira Filho, e administrativo, Marciel da Costa, e do gerente da unidade em Anápolis, Cláudio Schwaderer, os presidentes do Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest), José Divino Arruda, e do Sindicato das Indústrias de Confecções (Sinroupas), Frederico Martins Evangelista.

Números da Hering em Goiás

Produção atual = 1,2 milhão peças/mês

Produção prevista para 2010: **2,4 milhões de peças/mês**

Arrecadação atual **R\$ 15 milhões**

Arrecadação prevista para 2010 **R\$ 28 milhões**



Na última linha



Pesquisa inédita comprova que empresas certificadas conseguem aumentar vendas, reduzir custos e incrementar o retorno para os acionistas

Afinal, investir em um processo dispendioso, longo e trabalhoso de certificação vale a pena sob o ponto de vista meramente financeiro? Isso vai trazer algum retorno para a empresa e seus acionistas? Pesquisa inédita no País, apresentada e aprovada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 18 de fevereiro deste ano, comprova que sim. Os resultados estão na dissertação de mestrado em administração de empresas defendida pelo engenheiro metalúrgico e hoje consultor para a área de qualidade Francisco Carlos Tadeu Starke Rodrigues.

A pesquisa consumiu dois anos de trabalho e consultas aos bancos de dados da Comissão

de Valores Mobiliários (CVM), da Economática, empresa de consultoria com sede em São Paulo, e da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Foram analisados os balanços de 207 companhias de capital aberto entre janeiro de 1995 e dezembro de 2006, excluídas as instituições financeiras. Dentre as empresas analisadas, 116 (ou 56,1% da amostra) tinham certificação ISO e 91 (43,9% do total) não tinham.

"Há estudos de casos e pesquisas qualitativas sobre o assunto no Brasil, mas nenhum estudo quantitativo. Minha intenção era saber se, na prática, qual o resultado final da certificação", comenta Starke. O consultor, especial-

izado em sistemas de qualidade, utilizou um modelo econométrico que incluiu parâmetros como a existência ou não da certificação, com base nas normas da ISO 9000:2000, risco, tamanho de ativos, lucratividade, endividamento, receita operacional e outros.

Na comparação entre certificadas e não certificadas, o primeiro grupo leva vantagem, de acordo com a pesquisa, não só ao aumentar suas vendas, mas também ao garantir o retorno sobre ativos, vendas e patrimônio líquido, além de acelerar o giro do ativo (vendas sobre o total de ativos, num indicador de eficiência na operação de seu negócio). Tudo isso com redução de custos sobre as vendas.

Para você ter seu certificado de qualidade a gente mostra o nosso



O ICQ Brasil é referência nacional em certificação de sistemas de gestão. Ligue agora e obtenha benefícios exclusivos para sua empresa:

- ◆ Certificado em duas vias sem cobrança de taxa extra
- ◆ Certificados encaminhados em até 48h*
- ◆ Plano de pagamento ajustável às necessidades de sua empresa
- ◆ Atendimento em todo o Brasil
- ◆ Realização de palestras e eventos sobre qualidade, certificação, PBQP-H entre outros.

* Após recomendação da certificação pela Comissão.



Instituto de Certificação Qualidade Brasil
Seu parceiro para o desenvolvimento
www.icqbrasil.com.br
icqbrasil@sistemafieg.org.br
Tel.: (62) 3219-1397 | Fax: (62) 3219-1427

CIRCUITO FECHADO

Equiplex investe em novo sistema para a fabricação de soluções parenterais e poderá quase triplicar sua produção a partir de 2010

A partir do final deste mês, por determinação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), as indústrias que fabricam soluções parenterais de grande volume terão que adotar sistemas fechados de produção, reduzindo os riscos de contaminação dos soros. A Equiplex Indústria Farmacêutica, com planta em Aparecida de Goiânia, transformou a exigência em oportunidade para operar um salto em sua operação, buscando a liderança no mercado brasileiro.

Depois de três anos de pesquisas exaustivas e R\$ 12 milhões em investimentos, a empresa optou pela importação de tecnologia italiana para fazer a migração do sistema aberto para o fechado, ampliando a capacidade de produção da linha de soros em 50%, já que a nova máquina, trazida da Itália a um custo estimado de 1 milhão de euros, poderá envasar 9 mil unidades por hora, diante de 6 mil na envasadora instalada atualmente.

A produção efetiva deverá crescer ligeiramente menos. "Produzimos, hoje, em torno de 150 milhões de unidades por ano em todas as linhas, ou 12,5 milhões por mês, em média. Dessas, 30 milhões de unidades por ano (2,5 milhões a cada mês) são de soro parenteral, volume que deve saltar para 42 milhões (3,5 milhões por mês) nos próximos 12 meses, num acréscimo de 40% que deverá se refletir no faturamento", afirma Heribaldo Egídio, presidente da Equiplex.

Além da máquina de envase, o investimento total incluiu a



Heribaldo Egídio: planos incluem segunda envasadora e dois produtos inovadores

expansão da fábrica, que recebeu mais 3 mil metros quadrados de área construída, máquina para moldes, comprada em Americana (SP) da Pavan Zanetti, além de testes com resinas de alta pureza e menos abrasivas e desenvolvimento do frasco. Entre outras vantagens, sistemas fechados de produção, segundo estudos médicos, podem reduzir os índices de infecção hospitalar em 54%, encurtando em 20 dias o tempo de internação dos pacientes.

Nas novas instalações, foi montada uma sala limpa com capacidade para receber uma segunda envasadora, dependendo da reação do mercado. Egídio estima um investimento adicional de outro milhão de euros na compra de nova máquina, o que poderia elevar a produção de soros para a casa de 7 milhões de unidades por mês, transformando a Equiplex no maior fabricante do País. "Mas este é um projeto para 2009", adianta.

Os planos da empresa contemplam o lançamento da linha Cipro, com soluções diluídas pré-preparadas ainda em fase de testes, em setembro ou outubro deste ano. A empresa terá ainda participação de um terço das patentes de dois novos produtos inovadores – um zooterápico e um composto à base de rutênio, produzido com o uso de nanotecnologia e destinado ao tratamento de câncer. As pesquisas, nos dois casos, estão a cargo de pesquisadores das Universidades Católica e Federal de Goiás, neste último caso, envolvendo cientistas que migraram da Universidade Federal de Minas Gerais para a UFG.



DOAÇÕES CONTRA O CÂNCER

III O presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Paulo Afonso Ferreira, dispensou presentes na comemoração de seu aniversário, em 5 de abril. Preferiu que amigos e empresários contribuíssem para a campanha de arrecadação de fundos que a federação coordena em favor do Hospital Araújo Jorge. Como resultado, foram arrecadados quase R\$ 120 mil. Os recursos serão destinados à Unidade de Hematologia e Hemoterapia, Unidade de Transplante de Medula Óssea e Laboratório de Biologia Molecular do hospital, mantido pela Associação de Combate ao Câncer em Goiás. A meta é atingir R\$ 1 milhão e as doações, em qualquer valor, podem ser feitas na agência 012, da Caixa Econômica Federal, na avenida Anhangüera, para a conta corrente 1062-6. Mais informações no telefone (62) 3219-1720.

MICRO E PEQUENA EMPRESA

III Os novos membros do Conselho Temático de Micro e Pequenas Empresas da Fieg tomaram posse durante reunião da diretoria plena da federação, realizada no dia 7 de abril. Presidido por Humberto Rodrigues de Oliveira, tendo Carlos Vieira Soares como vice, o conselho passa a ser formado por José Amâncio, Marcos de Campos, Valdey de Paula, Geraldo Borges, Luiz Oliveira, José Ribeiro, João B. de Oliveira, Maurício de Paiva, José Divino Arruda e Abílio Jr.

REPARAÇÃO DE VEÍCULOS

III A nova diretoria do Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa), que passa a ser presidido por José Francisco de Souza, tendo Francisco de Paula e Silva como vice, foi apresentada aos dirigentes da Fieg durante reunião da diretoria plena, realizada no dia 7 de abril.



CRÉDITOS DE CARBONO

III Numa parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg realizou o curso avançado sobre elaboração de projetos de mecanismo de desenvolvimento limpo (MDL) entre os dias 28 e 30 de abril. Com duração de 24 horas, os participantes tiveram informação, passo a passo, sobre qual a melhor técnica para desenvolver esses projetos. Foram tratados, entre outros, temas relacionados à apresentação do projeto, linha de base, adicionalidade, elegibilidade, metodologia, aspectos financeiros e concepção do projeto.



PNEUS USADOS

III A fábrica de cimento do Grupo Cimpor em Cezarina (antiga Goiás Cimento) incinerou, no mês passado, 6.262 pneus usados, importados irregularmente da Europa e da Ásia e apreendidos durante fiscalização do Ibama. A decisão, pouco recomendada em termos ambientais, foi a alternativa possível e mais conveniente no momento, segundo acerto intermediado pelo Conselho Temático de Meio Ambiente da Fieg. Os fornos da Cimpor são licenciados pela Agência Goiana de Meio Ambiente (Agma). O transporte dos pneus foi acompanhado de perto pelo presidente do conselho, Henrique Morg e pelo superintendente do Ibama em Goiás, Ary Soares dos Santos (foto).



LIÇÃO DE CASA

Empresas dedicam tempo e esforços para estimular a formação de consciência ecológica em alunos de escolas municipais

Hélio Alexander, da Equiplex:
parceria com prefeituras para transferir conceitos de reciclagem a alunos das redes municipais de Aparecida de Goiânia e Aruanã



Neste ano, cerca de 4,5 mil alunos de escolas municipais de Anápolis começam a receber as primeiras noções sobre como utilizar garrafas PET adaptadas para a recuperação de óleo de cozinha usado e seu aproveitamento na produção de biodiesel e sabão, que vai abastecer o setor de limpeza da própria escola. O projeto faz parte do programa de educação ambiental desenvolvido na região pela Cebrasa, filial da AmBev, numa parceria que envolve escolas, o Sistema Fieg e outras empresas locais.

“A idéia é estimular a evolução da consciência ambiental, inicialmente nas escolas e, depois, para fora delas, que é o que buscamos afinal”, afirma Matheus Nogueira Lemos, gerente de meio ambiente da filial Cebrasa. O programa foi iniciado em 2006, com a participação de 320 alunos e 10 professores de apenas uma escola, acompanhados por uma equipe de gestores ambientais.

No ano passado, o número subiu para cinco escolas, num total de 3.605 pessoas. Os alunos formam a maioria do público, somando 3.202 crianças, além de professores, coordenadores, participantes da comunidade e funcionários da AmBev. Uma sexta escola já se associou ao projeto neste ano, com mais 1,3 mil alunos, e a sétima parece estar a caminho.

Por meio de workshops de educação ambiental, gestores transmitem a crianças e adultos conceitos de reciclagem, coleta seletiva, saúde e poluição e uso racional da água. No processo, são estipuladas metas para a coleta de materiais recicláveis e estabelece-se uma espécie de disputa saudável entre as classes. Aquelas que atingirem as metas e apresentarem o maior volume coletado ganham o direito de escolher o prêmio, que pode ser uma visita à fábrica da AmBev, um dia no clube do Sesi – parceiro da Cebrasa no projeto –, cinema ou festa na escola, patrocinada pela empresa, com direito a cachorro-quente e pipoca. ➡

totvs.com
[LOGOCENTER • MICROSIGA • RM • TOTVS CONSULTING • TOTVD • RGS • VITRINE]

Um grupo sempre diverso,
colocando ideias inovadoras em prática, ao
desenvolver projetos que agregam valor às
empresas e ao país.

Um grupo que sempre busca
inovar e melhorar a qualidade dos
serviços oferecidos.

Um grupo que sempre busca
inovar e melhorar a qualidade dos
serviços oferecidos.

Um grupo sempre diverso,
colocando ideias inovadoras em prática, ao
desenvolver projetos que agregam valor às
empresas e ao país.

Um grupo que sempre busca
inovar e melhorar a qualidade dos
serviços oferecidos.

Um grupo que sempre busca
inovar e melhorar a qualidade dos
serviços oferecidos.

**Sua empresa integrada.
Sua empresa unida.**

TOTVS

SOFTWARE • TECNOLOGIA • CONSULTORIA • BPO • INFRA-ESTRUTURA • EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A renda do “lixo”

O projeto rendeu, em 2007, a coleta de 4.692 quilos de plásticas, papelão e metais, acondicionados em coletores fornecidos pela AmBev e feitos a partir de sobras do processo industrial, a custo zero para a empresa. Os resíduos coletados são enviados para a Raffa, empresa de reciclagem de Anápolis, que pagou, em média, em 2007, em torno de R\$ 0,50 pelo quilo do material recebido. A renda, num total de R\$ 2.346, é integralmente revertida para as escolas participantes.

“O que temos notado é um aumento da consciência ecológica desde o início do projeto. Os meninos já saem de casa com sacos de material reciclável e alguns chegam a controlar o tempo do banho dos pais, para economizar energia”, destaca Nogueira. Para este ano, conforme ele, os workshops passarão a disseminar dicas para a recuperação e reciclagem de óleo de cozinha.

A AmBev vem negociando a participação de uma indústria de biodiesel de Anápolis no processo, a qual assumiria o compromisso de transformar o óleo usado em combustível. Parte do produto será destinada à produção caseira de sabão, reforçando a fabricação própria nas escolas.

A Equipler Indústria Farmacêutica decidiu trazer para dentro da empresa os alunos da rede municipal de Aparecida de Goiânia. Os estudantes das escolas convidadas, descreve Hélio Alexander, psicólogo responsável pelo setor de gestão de pessoas da empresa, recebem a cartilha *Meio Ambiente é a Casa da Gente*, produzida pela empresa e distribuída pela prefeitura local.

Na empresa, são programadas visitas ao bosque e à nascente do Córrego

Veredas, afluente do Rio Paranaíba, preservados pela Equipler. Os alunos recebem conceitos de reciclagem de resíduos sólidos e efluentes, reforçando a importância da preservação ambiental no dia-a-dia. Além de Aparecida de Goiânia, a empresa mantém parceria com a administração municipal de Aruanã, para onde são destinadas cerca de 300 cartilhas ambientais, também destinadas a escolas públicas.

INVESTIMENTO AMBIENTAL

Entre 2005 e 2007, a Sama S.A. – Minerações Associadas, em Minaçu, investiu perto de R\$ 2,34 milhões em uma série de projetos ambientais. Na área de educação para o meio ambiente, a pedido da Secretaria Municipal de Educação, o projeto foi ampliado para alunos até a 9ª série do ensino fundamental, cobrindo todas as oito escolas municipais que incluem aquela série. Antes, houve palestras e apresentações para diretores de escola, professoras e orientadores da rede municipal, assim como a formação de equipes de capacitação e multidisciplinar. Foram distribuídas 1.570 cartilhas para alunos e 113 para professores. Recentemente, o projeto foi estendido às escolas rurais da região.

“O que temos notado é um aumento da consciência ecológica desde o início do projeto. Os meninos já saem de casa com sacos de material reciclável e alguns chegam a controlar o tempo do banho dos pais, para economizar energia”

Matheus Nogueira Lemos, gerente de meio ambiente da Cebrasa



CENTROMECC

automotiva



FESTA DO MECÂNICO

FEIRA DE REPARAÇÃO VEICULAR

Centro de Convenções de Goiânia
de 13 a 15 de junho de 2008

Participe

e garanta destaque no melhor ponto de encontro do setor automotivo do Centro - Oeste.

A certeza de bons negócios.

Informações

(62) 3282-2375

centromec@canaleventos.com.br
www.centromec.com.br

Apoio:

Realização:



Canal
FEIRAS E EVENTOS

www.canaleventos.com.br

Siago 1

Setor encolheu

Presidente do sindicato pela oitava vez, em mandatos não consecutivos, Pedro Alves de Oliveira lembra que o número de cerealistas e beneficiadores de arroz no Estado, que chegou a contar 325 empresas há duas décadas, despencou para três dezenas atualmente. A produção goiana de arroz, que chegou a 1,549 milhão de toneladas na safra 1986/87, encolheu para apenas 188,7 mil toneladas no atual ano agrícola. "É preciso criar mecanismos para estimular a produção no campo", defende.

Siago 2

Em disparada

A suspensão temporária das exportações de arroz, anunciada pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) no final de abril, trouxe desconfiança para a indústria. A expectativa é de que a decisão seja mesmo temporária, como anunciado, comenta Pedro Alves de Oliveira, presidente do Siago. "Os preços (da saca do grão) subiram entre 30% e 35% desde dezembro e os estoques estão todos em poder dos agricultores", afirmou.



Siago 3

ISENÇÃO TOTAL

Reeleito para mais um mandato à frente do Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás (Siago), o empresário Pedro Alves de Oliveira (foto) pretende manter a plataforma que adotou nos últimos três anos. "Vamos insistir para que o governo continue a considerar o arroz e o feijão como produtos básicos em suas políticas, buscando, talvez, a isenção total de impostos para os dois grãos", declara.

Sinroupas 1

A Sefaz com a palavra

Acompanhado do deputado Ozair Silva (PP), o presidente do Sinroupas, Frederico Martins Evangelista, expôs ao secretário da Fazenda, Jorcelino José Braga, a situação atual do setor no Estado. Segundo Evangelista, o lado formal da indústria caminha celeremente para uma crise depois de cair do quarto para o nono posto no ranking nacional.

Sinroupas 2

Substituição tributária

O secretário da Fazenda, Jorcelino Braga, determinou a criação de um grupo de trabalho, com participação do sindicato, para avaliar a situação e desenhar soluções governamentais de médio e longo prazo para o setor. Evangelista sugere o retorno da substituição tributária, de forma a que também o setor informal contribua de alguma forma para a arrecadação, reduzindo a desigualdade na competição com as empresas formais. Além disso, o Sinroupas propõe o retorno do apoio do Estado à participação das confecções em eventos.

Sindileite

Amigos da Veterinária e Agronomia

No dia 16 deste mês, a Associação dos Amigos das Escolas de Veterinária e Agronomia (Aeva) promoveu homenagem aos fundadores e colaboradores da Fazenda Escola da Universidade Federal de Goiás (UFG). Criada pela própria Aeva em 1999, numa parceria com o Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás (Sindileite), a fazenda dedica-se à formação de mão-de-obra rural e para treinamento dos alunos de Agronomia e Veterinária. Com plantel de 100 cabeças, a fazenda produz em torno de 1,2 mil litros por dia e os resultados da exploração ajudam a manter o estabelecimento.





Sindimóveis 1 Movelsul Brasil

Em promoção do Sindimóveis-GO e do Sebrae-GO, 16 empresários do setor moveleiro visitaram a 16ª edição da Movelsul Brasil, realizada entre 24 e 28 de março deste ano, em Bento Gonçalves (RS), um dos maiores pólos moveleiros do País, com 265 indústrias instaladas. Referência para o setor, a feira acontece a cada dois anos. O grupo de empresários goianos teve a oportunidade de conhecer o Centro de Tecnológico Moveleiro (Cetemo), do Senai-RS, onde participaram de palestra sobre design.

Sindimóveis 2 Feira em Milão

Com subsídio do Senai Goiás, empresários goianos do setor moveleiro participaram em Milão, Itália, do 47º Salone Internazionale Del Mobile / Feira Internacional de Móveis, entre 16 e 21 de abril. Maior evento do setor no mundo, a feira abrigou 2 mil expositores em 220 mil m², trazendo os mais recentes avanços do setor e as novas tendências em design. Os representantes goianos conheceram, ainda, a Eurocucina, feira paralela que apresentou produtos e lançamentos para o ambiente de cozinhas.



Sifaeg 1 ENERGIA DE RESERVA

Os sindicatos das indústrias fabricantes de açúcar e álcool em Goiás (Sifaçúcar e Sifaeg) promoveram em Goiânia, no dia 25 de abril, encontro para discutir a regulação do mercado de energia de reserva, produzida a partir de biomassa. "O encontro foi muito produtivo e contribuiu para deixar o horizonte um pouco mais claro para as usinas", comentou o presidente executivo do Sifaçúcar/Sifaeg, André Rocha Baptista (foto).

Sifaeg 2

Avanço, mas nem tanto

O preço teto para a venda de energia de reserva no leilão marcado para os dias 20 e 21 de maio, em princípio, foi estabelecido em R\$ 56 por MWh. Segundo o presidente executivo do Sifaeg, o setor tenta adiar o leilão para julho. Até lá, será preciso definir, como maior nitidez, as regras para conexão ao sistema interligado. Assim as usinas terão como avaliar os custos envolvidos no processo e se o preço estabelecido pela Aneel será remunerador.

Sicma

Construção civil em Anápolis

Em reunião de negócios realizada em 17 de abril, em Anápolis, pelo Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), com apoio da Acia, o vice-presidente da Caixa Econômica Federal, Fábio Lenza, detalhou o programa habitacional e os planos de financiamento da instituição a empresários do setor de construção. Presidente do Sicma e da Acia, Ubiratan da Silva Lopes elogiou a parceria com a Caixa.



Sinduscon

Em destaque

O Senai teve presença destacada na reunião da diretoria do Sinduscon-GO, realizada no mês de abril. Durante o encontro entre mais de 40 empresários e diretores do sindicato, o superintendente do Instituto Euvaldo Lodi e do Instituto de Certificação Qualidade Brasil, Paulo Galeno Paranhos, apresentou o trabalho desenvolvido pelas instituições.



"Sem um mínimo de educação financeira, o crédito pode se tornar num instrumento mortal para o consumidor"

Bruno Fleury
é economista, advogado e consultor do Sebrae-GO

Crédito, educação financeira e estabilização econômica

A grande pergunta que vem sendo feita pelos agentes econômicos hoje é: o Brasil corre o risco de uma crise de crédito semelhante à que vem sendo acometida a economia dos Estados Unidos? Apesar da enorme diferença entre as duas economias, um fenômeno pode ser considerado comum – o ritmo de crescimento da oferta de crédito. Nos últimos sete anos, os Estados Unidos viveram uma euforia no que se refere à oferta de crédito. Juros cada vez mais baixos, prazos alongados e critérios inadequados do ponto de vista da seleção dos tomadores fizeram com que os consumidores americanos ultrapassassem a sua capacidade de endividamento e daí para um calote generalizado foi um pulo, o que, por pouco, não gera uma crise sistêmica no sistema financeiro americano e mundial.

No Brasil, a oferta de crédito vem num ritmo de crescimento ascendente nos últimos quatro anos e apesar do volume em relação ao PIB ainda ser relativamente baixo, a falta de cultura do brasileiro em poupar é vista como um risco.

O crédito é uma faca de dois gumes. Está clara a sua importância como ferramenta para impulsionar o crescimento econômico, mas está claro também que sem um mínimo de educação financeira ou educação para o consumo ele pode se tornar um instrumento mortal para o consumidor. O longo período de inflação sem controle impedia qualquer

tentativa de planejamento financeiro. Os consumidores, de uma forma geral, tentavam salvar o que fosse possível de seu salário antes que a inflação o consumisse. A estabilização financeira é um fenômeno recente e, portanto, ainda não muito entendido do ponto de vista da administração orçamentária pela maioria das famílias. A questão creditícia é mais recente ainda.

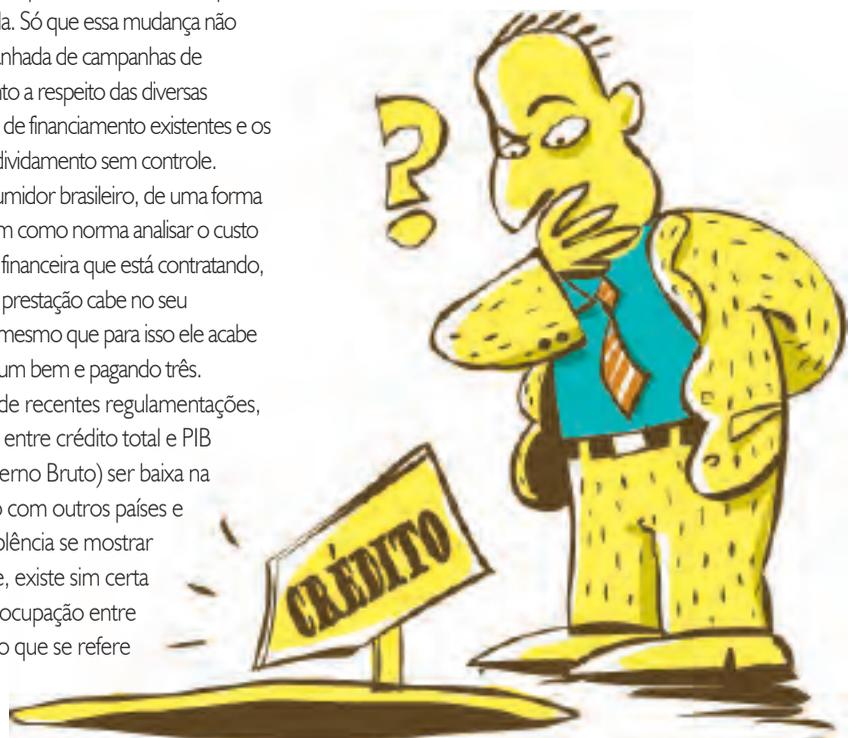
De repente, mal feito do choque de não mais ter que se preocupar em sobrar mês no fim do salário, o consumidor se vê bombardeado por inúmeras ofertas de crédito com as quais muitos sonharam por uma vida toda. Só que essa mudança não veio acompanhada de campanhas de esclarecimento a respeito das diversas modalidades de financiamento existentes e os riscos do endividamento sem controle.

O consumidor brasileiro, de uma forma geral, não tem como norma analisar o custo da operação financeira que está contratando, mas sim se a prestação cabe no seu orçamento, mesmo que para isso ele acabe comprando um bem e pagando três.

Apesar de recentes regulamentações, de a relação entre crédito total e PIB (Produto Interno Bruto) ser baixa na comparação com outros países e de a inadimplência se mostrar sob controle, existe sim certa dose de preocupação entre os bancos no que se refere

aos prazos cada vez maiores dos financiamentos. A apreensão se deve às incertezas sobre o comportamento futuro da economia recém-estabilizada e, em especial, à falta de cultura de planejamento e poupança de longo prazo do brasileiro.

O dilema que a equipe econômica brasileira enfrentará nos próximos tempos será como compatibilizar a extrema necessidade do Brasil continuar crescendo sem comprometer a estabilidade econômica duramente alcançada.



SUA
MARCA
NO CENTRO
DAS ATENÇÕES

A OPORTUNIDADE ESTÁ LANÇADA!
 Goiânia em 1973 foi a 1ª.
 cidade brasileira a receber o título de "Cidade das Empresas"
 e atualmente possui o maior número de empresas por habitante do Brasil.
 Aproveite esta oportunidade e participe conosco!



14º Congresso Nacional de Jovens Lideranças Empresariais & EXPO-AJE

Centro dos Negócios

TRANSFORMANDO IDEIAS EM NEGÓCIOS DE SUCESSO!



PRESEÇA
 Henrique Meirelles
CONFIRMADA

26 a 28 de novembro de 2008
CENTRO DE CONVENÇÕES DE GOIÂNIA
 Goiânia-GO

Inscrições e informações:
www.centrodosnegocios.com



FÓRUM DE ENTIDADES EMPRESARIAIS - GOIÁS





A gente vê o Brasil com outros olhos.

A Anglo

American é um dos maiores grupos do mundo em mineração e recursos naturais.

No Brasil desde 1973, a Anglo é responsável pela operação da Mineração Catalão, Codemin e Copebrás, empregando hoje mais de 4.200 pessoas. Após um período de negociações com a MMX, a Anglo American assinou o contrato de Compra e Venda de Ações que permitirá a aquisição do controle dos projetos de minério de ferro Amapá e Minas-Rio, o que consolida a participação do Grupo no mercado brasileiro de minério de ferro. Com a construção da Unidade de Barro Alto - um investimento de US\$1,5 bilhão na produção de

ferroníquel, a empresa vai gerar muito mais emprego e desenvolvimento. Para a Anglo American, isso significa investir em crescimento sustentável: o desafio de se tornar maior e ainda melhor para parceiros, empregados e comunidades onde atuamos. Pessoas que compartilham com a gente a visão de um horizonte cada vez mais promissor.



Anglo American - Mineração Catalão (ferronióbio)
Catalão e Ovidor (GO)



Anglo American - Barro Alto (ferroníquel)
Barro Alto (GO)



Anglo American - Codemin (ferroníquel)
Niquelândia (GO)



Anglo American - Copebrás (fosfatados)
Cubatão (SP), Catalão e Ovidor (GO)